

Blumenau em Cadernos

TOMO XXXVI

Março de 1995

Nº. 3



IMPRESSO

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", EDITORA DESTA REVISTA, TORNA PÚBLICO O AGRADECIMENTO AOS AQUI RELACIONADOS PELA CONTRIBUIÇÃO FINANCEIRA QUE GARANTIRÃO AS EDIÇÕES MENSAS DURANTE O CORRENTE ANO :

- ALTAMIRO JAIME BUERGER
- ARIANO BUERGER E FAMÍLIA
- ARNALDO BUERGER
- ARTHUR FOUQUET
- AUTO MECÂNICA ALFREDO BREITKOPF S/A.
- BENJAMIN MARGARIDA E FAMÍLIA
- CASA FLAMINGO LTDA.
- COMPANHIA COMERCIAL SCHRADER
- COOPERATIVA DE CONSUMO DOS EMPREGADOS DO GRUPO HERING — COOPERHERING
- CREMER S/A. PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS
- CURT FIEDLER
- D. G. S. — FACTURING FOMENTO COMERCIAL LTDA.
- DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.
- GENÉSIO DESCHAMPS
- GRÁFICA 43 S/A IND. E COM.
- ENGEPRON ENGENHARIA, PROJETOS E MONTAGENS LTDA.
- HERING TÊXTIL
- HERWIG SHIMIZU ARQUITETOS ASSOCIADOS
- HOH, — MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS S/A.
- JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.
- LINDNER ARQUITETURA E GERENCIAMENTO S/C LTDA.
- MADEIREIRA ODEBRECHT LTDA.
- M. J. T. REPRESENTAÇÕES E SERVIÇOS LTDA.
- NELSON VIEIRA PAMPLONA
- PADRE ANTÔNIO FRANCISCO BOHN
- PAUL FRITZ KUEHNRIK (in memória)
- PICKLER CONSTRUÇÕES LTDA.
- RESTAURANTE A NAPOLITANA — RODÍZIO DE MASSAS
- SCHRADER S/A. COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES
- SUL FABRIL S/A.
- TEKA — TECELAGEM KUEHNRIK S/A.
- TRANSFORMADORES MEGA LTDA.
- UNIMED — BLUMENAU
- WALTER SCHMIDT COM. E IND. ELETROMECAÂNICA LTDA.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXVI

Março de 1995

Nº. 3

SUMÁRIO

Página

Botânico de Blumenau na botânica do Irmão Sol (*): — Theobaldo Costa Jamundá	66
Um luso-brasileiro em Blumenau — Ruy Moreira da Costa	67
Reminiscências de Ascurra — Atilio Zonta	75
Aconteceu... há 50 anos passados — José Gonçalves	79
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	80
Curiosidades de uma Época XXXV — S. C. Wahle	82
Genealogia das Famílias Gehrent - Schmidt e Silva - Gorges	84
Rádio Clube de Indaial completou quarenta anos de história	89
Aconteceu... — Janeiro de 1995	93
A Família Arriola em Santa Catarina — Antônio Roberto Nascimento	95

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. nº. 19

Assinatura por Tomo (12 nºs.) R\$ 15,00

Número avulso R\$ 4,00

Assinatura para o exterior (porte via aérea) R\$ 35,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 26-6787

89015-010 — BLUMENAU — SANTA CATARINA — BRASIL

CAPA: Capela São Miguel Arcanjo, de Itoupava Central, cujo desenho é da autoria de Stocker. — CLICHÊ: Cortesia da CLICHERIA BLUMENAU.

Botânico de Blumenau na botânica do Irmão Sol (*)

THEOBALDO COSTA JAMUNDÁ

Os Odebrecht e os Kuhlmann eram vizinhos no espaço geográfico do ribeirão Garcia. E separaram-se quando os Kuhlmann mudaram-se para Petrópolis, RJ. Esta saída de Blumenau veio aparecer quando o botânico Kuhlmann foi merecendo homenagens no Rio de Janeiro e na Europa e sendo um simples desconhecido na terra natal: espaço catarinense e a marca de teuto-brasileiro de Blumenau.

O nome inteiro do botânico por vocação com a graça de Deus, Kuhlmann, é JOHANN GERHARD KUHLMANN que ele mesmo abraçou para João Geraldo Kuhlmann. Viveu o período de 02.02.1882-13.03.1958 que é igual a aproximados para mais de setenta e seis anos de vida. Destes deu à Botânica brasileira quarenta e oito. Faltou apenas mais dois anos para ser meio século de dedicação integral a especialidade chamada Botânica sistemática.

Os pais do botânico foram Frederico Kuhlmann e Rosália Bodenbergl. Ele foi casado com Hordália da Costa Kuhlmann, desse consórcio nasceu Guilherme Geraldo Kuhlmann. Quem introduziu no universo da Botânica e dos botânicos João Geraldo Kuhlmann foi seu cunhado Frederico Carlos Hoehne (1882-1959), isto pelo casamento dele com Clara Augusta Frieda Kuhlmann. O conceituado naturalista Hoehne exerceu o cargo de jardineiro-chefe do Museu Nacional (Rio de Janeiro, RJ, /Quinta da Boa Vista). Quando J. G. Kuhlmann faleceu o cunhado naturalista Hoehne publicou no "Diário de Notícias" (Rio de Janeiro, RJ.) resumo bibliográfico. E o preservador do patrimônio cultural de Blumenau, José Ferreira da Silva, fez notícia

para a edição de "Blumenau em Cadernos" (Abril 58, nº. 6, t. I).

A edição do jornal Blumenauense "Cidade de Blumenau" datada de 26.03.1972 transcreveu matéria distribuída pela "Agência Nacional informando sobre a "Casa dos Pilões" onde o Blumenauense J. G. Kuhlmann residiu muito tempo. (Colhe-se nas datas mencionadas equívocos naturais à pressa jornalística quando pressionado por produtividade).

Este Blumenauense que Blumenau, oficialmente, ainda não homenageou adequadamente, por colegas de ofício foi cognominado: "Iluminado em sistemática botânica". E como consta na referência tomada em "Blumenau em Cadernos" (Abril 58, nº. 6, t. I) a primeira viagem que fez é a de 02.12.1910 que com mais três somam as quatro do estado do Mato Grosso. E desse começo tão fértil chegou à imortalidade científica.

Disse-me em carta-oficial (19.03.69) dr. Luís Edmundo Paes (Diretor do Jardim Botânico) sobre merecimento e dignidades acumuladas por ele. E entre tantas ilustram sua memória: ter representado o Brasil nos Congressos Internacionais de Botânica, de Estocolmo e de Paris, respectivamente, 1950 e 1954; iniciativa de organização da Sociedade de Botânica do Brasil (1951); interesse no grau de fanatismo pelo ensino de Botânica, principalmente, na especialidade de Botânica sistemática, na qual, foi universalmente, conhecido.

Entretanto o que fazia orgulhoso, era o ter sido participante da "Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas de Mato Grosso (1910-1919) internacionalmente

conhecida como COMISSÃO RONDON, distinguido por convite do próprio Marechal Rondon (1865-1958).

Uma carta do lembrado blumenauense Carlos Fouquet me informou sua amizade ao botânico Kuhlmann, e de também saber que o Marechal Rondon e o botânico apertaram-se como sertanistas: um, interessado no conhecimento e defesa do índio e o outro uma inteligência aplicada aos vegetais.

Todos que merecemos ouvir revelação de J. G. Kuhlmann sentimos que dignificava-se em ter conhecido os estados: Amazonas, Acre, Espírito Santo, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina, exatamente, pelas potencialidades florestais.

Outro que sobre J. G. Kuhlmann lemos e ouvimos foi o cônego dr. Raulino Reitz (in Anais Botânicos, junho 49, ano I, n. 1, Itajaí, SC.) — dizendo "GRANDE BOTÂNICO BARRIGA-VERDE, QUE NO SEU RAMO, ALCANÇOU O SEU GRAU MAIS ALTO DE GLÓRIA NO SEU PAÍS".

Um dia nas motivações empolgadoras das festas que exaltariam o transcurso do Centenário de Blumenau (1850-1950), o inesquecível livreiro Carl Wahlé disse-me que Frei Ernesto Emmendoerfer O.F.M., procurava interessado em escrever texto sobre a botânica da Bacia do Itajaí. O interesse tanto do livreiro como do fra-

de diretor do Colégio Franciscano de Santo Antonio era tal matéria para o livro do Centenário. Foi aí que dei o nome e o endereço do botânico J. G. Kuhlmann, acentuando ser blumenauense e mais ainda diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, RJ. Matéria escrita o botânico não ofereceu, entretanto, em compensação foi conhecido por pequeno grupo e homenageado. E aproveitando a visita percorreu em companhia do chefe do Acordo Florestal em Santa Catarina, eng.-agr. José Carlos de Matos Horta Barbosa, as paisagens humanas rurais de municípios derivados da Kolonie Blumenau donde saíra quando criança. E em Morro-Pelado (território de Apiúna) encontrou-se com Woldemar Odebrecht de quem se tinha separado quando com os pais foi para Petrópolis, RJ.

A vida do botânico João Geraldo Kuhlmann, oferece à comunidade blumenauense acervo-licção, em qualquer tempo, sempre e atual é provocadora de orgulho. — É muito pouco ou quase nada, homenageá-la (?) apenas como nome de uma rua.

* Nota: publicado in "A HORA" (Blumenau, SC., agosto, 94 sob o título "J.G. Kuhlmann, um blumenauense famoso esquecido em sua cidade".

UM LUSO-BRASILEIRO EM BLUMENAU

O EMPREGO NO BANCO

Cedo, desde os treze anos de idade, comecei a fazer trabalhos de escrituração mercantil. Sendo filho de contabilista, era fácil para mim aprender a arte dos lançamentos: débito, crédito, balancetes, balanços. Até os quinze anos já estava tudo assimilado. Meu pai fazia pequenas escritas nas horas vagas e, depois que eu já estava bem treinado, passou-me todas elas,

com exceção de uma firma de Itajaí. Procurava imitar meu mestre em tudo, inclusive nas letras em «Rundschrift» dos títulos do livro razão. Assim, conseguia meus trocados e como achei que estava ganhando bem, com várias escritas, resolvi casar em 1950, decepcionando meu pai, que esperava que eu fizesse algum curso superior. Uma semana depois de casado, o

empresário titular da firma da qual eu recebia o maior honorário me dispensou e fui obrigado a procurar outras para substituí-la. Consegui uma que me contratou com assistência diária.

Quando chegou a meu conhecimento que um banco paulista iria abrir uma filial em Blumenau, no prédio recém-construído pela firma Rodolfo Kander, na rua 15 de Novembro, candidatei-me ao ingresso no banco e logo fiz os testes. Sem experiência bancária alguma, mesmo assim fui admitido em 18 de dezembro de 1950. Éramos quatro funcionários da praça de Blumenau: Harry Graebe, Gervásio Vargas, Walter Wittkopf e eu. Os administradores vieram de fora: Caio Brisola, José de Arruda Moraes e Moacyr Neger Segurado. Iniciou assim as atividades em Blumenau o Banco do Comércio e Indústria de São Paulo S/A. Iniciei, também, nesse ano minha carreira de professor no Colégio Santo Antonio. Apesar de já ter dado aulas particulares de recuperação a colegas e outros, não tinha ainda lecionado num estabelecimento de ensino. Sempre foi o trabalho do qual eu mais gostava, pois a realização profissional era quase imediata. Cada aula, cada rostinho de aluno demonstrando que havia compreendido uma explicação minha era para mim uma enorme satisfação. Os honorários de professor, porém, não me permitiam a manutenção de minha família num nível de vida razoável, daí a necessidade de ter uma boa fonte de renda alternativa. O Banco em que eu trabalhava pagava muito pouco e exigia muito, não havia quase tempo para minhas escritas e para exercer o magistério, que para mim era minha verdadeira vocação.

Um dia o Caixa do Banco, Walter Wittkopf, sabendo que eu dava aulas particulares, pediu-me para prepará-lo para o concurso que haveria no Banco do Brasil. Seria o primeiro a se realizar em Blumenau. Concordei em ministrarlhe algumas noções de contabilidade bancária e matemática financeira. Assim foi até quase a véspera do encerramento das inscrições. Num das aulas o Walter me perguntou: «Por que você não se inscreve e faz o concurso também? «Não tenho vocação para bancário» respondi. «Mas olha que vale a pena. O ordenado é bem melhor do que o nosso. Não custa tentar», insistiu o Walter. Lá fui eu me inscrever só para ver se passava junto com meu aluno. Fizemos o concurso juntos e passamos: o Walter em quarto lugar e eu em terceiro. Até o quinto lugar ficaria em Blumenau, os restantes iriam para outras cidades do Estado. O Walter mais tarde permutou com o Kunimund Krönke, que foi o sexto colocado, e foi para Joinville, retornando mais alguns meses. Hesitando se tomaria posse ou não, fui chamado de «burro» se não assumisse. Por isso, pedi demissão do Banco do Comércio e Indústria de São Paulo, despedi-me daqueles colegas aos quais já me afeiçoara, principalmente o Sr. Moacyr Segurado, nosso grande amigo e paternal gerente. Era 18 de junho de 1952.

No dia 21 de julho de 1952, ao meio dia e meia, fui assumir no Banco do Brasil. O prédio da agência do Banco do Brasil ficava na rua 15 de novembro, defronte ao prédio atual da Agência Centro. Passei por lá um dia destes e só vi um tapume, parecia que estava sendo demolido. Em 1937 a classe empresarial de Blumenau pleitea-

va uma agência do Banco do Brasil na cidade, uma vez que existiam poucas agências no Estado. O Sr. Theófilo Bernardo Zadrozny se propôs a construir um prédio especialmente para sediar a nova agência. Consistia numa ampla loja, um apartamento residencial no primeiro andar para moradia do gerente e um sótão no segundo andar. Em 1952 o prédio todo estava ocupado pelo Banco. No térreo era a gerência e o expediente normal para o público. No primeiro andar eram as carteiras especializadas: Cacex, Fiban, Câmbio e os serviços internos de cobrança e descontos, registro de títulos e escrituração. No segundo andar era o almoxarifado. Banheiros havia dois: Um no primeiro e outro no térreo. Recomendava-se que o funcionário viesse já com as necessidades fisiológicas feitas. Telefones também havia dois: um do gerente e outro do expediente, que ficava numa cabine ao lado do contador. Funcionário estava proibido de atender telefone, só os contínuos atendiam e, conforme o caso, chamavam o funcionário, se fosse assunto de serviço. O elevador de papéis era rudimentar: uma caixinha de madeira, suspensa por arames e barbantes que descia por um buraco feito no teto do térreo e no chão do primeiro andar. Era tudo apertado, mesas encostadas umas nas outras e em péssimas condições de conservação. Móveis super-velhos e máquinas de escrever marca «Royal» e «Continental», alemãs de antes da segunda guerra mundial, máquinas de somar «Remington» e «Burroughs» obsoletas, manuais, parecendo pipoqueiras e máquinas de calcular de manivelinha manual «Original Odhner», suecas, antidiluvianas. Uma ou outra máquina «Un-

derwood», americana mais moderna, para as carteiras especializadas. De vez em quando faltava luz e havia racionamento de energia elétrica. A Empresa Força e Luz Santa Catarina era particular e não havia interesse em maiores investimentos para enfrentar o colapso energético. Porisso, quando a Direção Geral mandava máquinas de somar elétricas, elas eram sumariamente devolvidas por impraticáveis. Eu tinha saído de um banco tão antiquado e tradicional que ainda adotava a ortografia de 1933 em seus impressos, mas que já usava máquinas modernas e até mesmo elétricas, para vir trabalhar num banco que nem usava energia elétrica em suas máquinas pré-históricas.

Fui recebido pelo Sr. André Sada, o contador, que me saudou efusivamente com sua voz forte. Disse-me que conhecia meu pai, elogiou seu trabalho na Empresa Industrial Garcia. Logo veio, também, o Sr. Hermes Buechele, gerente, que também falou em meu pai e disse que esperava que eu fosse tão eficiente quanto ele. Foi uma recepção formal. Logo me levaram para a carteira de Empréstimos. O chefe, Gilberto Leal de Meirelles me deu para escriturar as responsabilidades de desconto e propostas de títulos descontados para calcular. Era um serviço que eu já tinha feito no outro Banco. Fiquei cansado de rodar a manivelinha da máquina de calcular no primeiro dia de trabalho. Logo percebi, nos primeiros dias, que a agência do Banco do Brasil em Blumenau tinha fama de ser a Colônia Penal do Banco. Para cá vinham os funcionários punidos disciplinarmente. Eram subversivos, comunistas, agitadores, pichadores de mu-

ros e condenados por faltas graves. O gerente de então tinha fama de durão e conseguia, realmente, graças à sua firmeza, administrar e disciplinar aquela turba. Nós que estávamos ingressando agora, éramos a segunda leva de funcionários de origem local, pois no concurso anterior, que tinha sido feito em Florianópolis, tinham sido aprovados o Jayme Beduschi e o Décio Salles. A partir daquela época, começou a mudar a imagem do Banco do Brasil. Anteriormente as janelas gradeadas e o confisco dos valores dos «súditos do eixo», que deviam recolher aos cofres do Banco indenizações de guerra, tinham emprestado ao Banco a imagem de Delegacia de Polícia. Agora, com os filhos da terra em maioria, rostos conhecidos passaram a fazer o atendimento do público e já não era preciso dirigir-se à portinhola dos fundos para ser atendido em idioma alemão. No próprio balcão falava-se o execrado idioma. A medida que íamos tomando posse, os funcionários que tinham vindo de fora iam voltando às suas origens.

O tempo corria e nós no prédio velho. Na hora do recreio, entre quatro e quinze e quatro e meia, a turma de funcionários ficava na frente do prédio, congestionando a calçada, olhando o movimento da rua quinze. Outros ficavam olhando o rio Itajaí-Açu, que passava ao fundo. Ainda na década de cinquenta, um belo dia ficou pronto o novo prédio do Banco. Na rua Quinze de Novembro, mais para cima, onde hoje é a agência Centro do Besc. Cada funcionário juntou seus bagulhos e suas tralhas e carregou rua Quinze acima. Cada um ganhou uma mesa nova, de pés palito, toda em pau-marfim e tampo de fórmica verde. Era como cair num paraíso, se consider-

mos as instalações antigas. Só que as máquinas velhas vieram junto. O arquiteto não sabia que a rua, ou beco Flores Filho era uma rua estreitinha e projetou a fachada do edifício toda virada para a rua-zinha e não para a rua 15 de Novembro, onde apareciam apenas umas basculantes de banheiro. Enfim eles da Direção Geral é que entendiam disso. Pode ser até que fosse uma coisa moderna. O nosso era trabalhar. Era verdade que já era um prédio com elevadores para o público e para nós. Além do andar térreo, tinha três andares, uma sobre loja, uma caixa forte de concreto bem no centro do prédio. Como o último andar ia ficar vazio, o Banco cedeu o andar para a sede da AABB, nossa associação atlética que tinha sido fundada em outubro de 1958. O Edison Mueller pintou um lindo mural de sambistas em cores vivas na parede dos fundos. Eu que era o primeiro tesoureiro da AABB, tive alguns atritos com a administração da agência para liberação das verbas, mas valeu a pena pois nossa associação tornou-se realidade numa manhã de 4 de abril de 1959, um sábado. Foi uma solenidade muito concorrida, houve baile, coquetel e jogo de futebol.

Mais algum tempo, porém, o prédio foi ficando pequeno, pois de trinta funcionários que éramos no prédio velho, o quadro passou para quase duzentos. Vieram ainda as funcionárias a assumir na agência e o ambiente, que era até então exclusivamente masculino, foi mudando, ficando mais comportado, já não se usava mais palavrão. Já havia banheiros femininos e banheiros masculinos. A sobreloja foi eliminada e por meio de vigas e lajes pré-fabricadas foi criado mais um andar ao prédio. A AABB foi

despejada para a sede da Ponta Aguda e em todos os cantinhos de todos os andares da agência havia gente trabalhando. Até a gerência saiu do andar térreo e veio para o primeiro andar, de frente para a rua Quinze, sendo criado um gabinete do gerente com a funcionária Miriam Germer como recepcionista. Durou pouco, no entanto, o gabinete florido: a Miriam pediu transferência para outra agência e ficou no lugar o Heinz Schwarz. Começaram então umas constantes reformas no prédio, que duraram alguns anos. Era um tal de abrir buraco na parede, fechar buraco; abre porta, fecha porta, até que resolveram construir o prédio atual do Banco em Blumenau. Na esquina da rua Quinze e Nami Deeke, em terrenos da família Rabe, bem na frente do prédio antigo construído em 1937, começaram as obras no fim dos anos 60, durante a presidência de Karlos Rischbieter. Demorou um pouco, pois um prédio de dez andares, construído com requinte de acabamento e maravilhosos jardins internos e suspensos não era nada fácil. Além da metade da década de 70 nos mudamos para aquele prédio magnífico. Tudo o que se podia desejar estava ali realizado. Até os móveis eram do mais avançado design: não se usavam mais entulhos nas gavetas. Cada mesa tinha só duas gavetinhas e até as dos chefes eram de dimensões reduzidíssimas nos «esconderijos», apesar de amplas. O ar condicionado era central e os condutos iam a todos os lugares despejando jatos daquele ar refrigerado sobre nossas cabeças. Os duzentos funcionários não chegaram a encher bem os três andares a partir do térreo, os outros permaneceram vazios e sem uso. No último ano em que trabalhei estava

em instalação um restaurante no último andar. Antes disso só havia uma lanchonete interna mantida pela Tereza Yoshiura e pelo Diomar, da Empresa de Limpeza.

Foi nesse prédio que passei a melhor época no Banco. Consegui sair do cadastro e passei a chefiar a seção de funcionalismo, onde se davam os comandos para a folha de pagamento. Como havia chefes que não queriam funcionárias nos seus setores, fui aceitando todas as que me ofereciam. De um total de cinco funcionários do setor, quatro eram do sexo feminino. Por fim fui controlar o quadro de digitadores: os de manhã, estudantes de engenharia e os da tarde: as donas de casa. Às sete horas da noite, empacotava as fitas e aguardava o Fusca do Correio que levava o material para o processamento em outra agência. Nessa seção fiquei até me aposentar, em 31 de julho de 1980, depois de 28 anos de Banco do Brasil e 2 anos de Comind e de minha ex-cliente Importadora Mercantil Ltda.

Gostaria agora de mencionar alguns colegas que enriqueceram minha experiência profissional e humana.

André Sada, que me recepcionou na minha posse no Banco. Alto, louro, muito efusivo, chamava a todos os funcionários de «jovem» e assim era chamado pelos funcionários. Adorava as peladas que fazíamos ocasionalmente. Demorou mas terminou sua carreira como gerente da agência de Blumenau, com aplauso de todo o quadro funcional. Costumava saudar os clientes mais ilustres com um «Oh» prolongado tanto mais quanto maior a importância do visitante. O maior «oh» que presenciei foi na visita do Senador Konder Reis.

Gilberto Leal de Meirelles, meu

primeiro chefe. Falava até pelos cotovelos, mas trabalhava com grande eficiência. Leal, correto e grande companheiro.

Rubens Carvalho Júnior, que me passou o primeiro serviço. Logo depois pediu transferência, andou por este Brasil e voltou a Blumenau. Dizia que tinha «uma cascavel mansa de gaiola para vender».

Elvidio Wippel. Fazia a liquidação de títulos caucionados e guardava de memória os números dos títulos que tinha relacionados, era funcionário de memória excepcional.

Luiz Carlos Althoff. Passou em 1º. lugar no meu concurso e foi o 1º. a tomar posse. Transferiu-se para Ourinhos, voltou a Blumenau, depois foi para os Estados Unidos, onde trabalhou alguns anos. Grande colega.

Diether Dagobert Siebert. Entrou no Banco depois de mim, foi meu subordinado no cadastro e depois meu chefe. Apesar de mais moço que eu, eu costumava pedir sua opinião em muitas decisões em negócios que fiz. Valeu a pena ter conhecido o colega Diether.

Werner Archibald Siebert. Digno irmão do Diether. Grande alma, bom amigo, prestativo e leal. Ainda hoje considero meu amigo.

Kunimund Krönke. Passou no meu concurso e tomou posse em Joinville. Sua figura curiosa e seu apelido de «estaca» lhe valeram muitas brincadeiras dos colegas que invocaram com seu prenome. Foi meu confeccionador de fichas cadastrais e investigador de cadastro. Levava a sério a função e esmiuçava a fundo a vida dos cadastrados. Foi mais tarde para a Alemanha onde se aposentou. Foi sempre um bom amigo e colega.

Luiz Carlos Soares. Por sua

baixa estatura era chamado de Silveirinha. Era um bom funcionário, bom colega, quase irmão. Cursamos juntos a Faculdade de Direito. Depois de aposentados nos vimos poucas vezes. Onde anda o Silveirinha?

Oduvaldo Mueller. Não havia quem não gostasse daquele magrelinho de olhinhos muito juntos, sempre alegre, risonho e feliz da vida com aquele bigodinho ralo. Acho que era o colega mais querido, que venceria qualquer concurso de Mister Simpatia.

Aldo Pereira. Precisou aguardar completar 18 anos para assumir no Banco. O Sr. André Sada sempre o apresentou como «nosso mais jovem funcionário». O tempo corria, passavam-se os anos e o Pereira continuava sendo o mais jovem. Nossos pais foram colegas no Banco Inco, em Itajaí.

Aristarco Garcia de Souza, meu primeiro chefe que não gostava de mim. Ensinou-me que no Banco nem tudo são flores e que é preciso aprender a engolir sapos. Uma vez, já aposentado, veio a Blumenau a passeio sozinho. Teve um ataque cardíaco em plena rua Quinze, na frente da vitrine das Casas Pernambucanas. Morreu na contramão atropalhando o sábado.

Angela Parucker Momm, minha auxiliar na seção de funcionalismo e minha substituta. Extremamente eficiente, enérgica com os subordinados, contudo, era muito apreciada por sua lealdade, simpatia e compreensão.

Ethel Ebeling. Uma das primeiras a tomar posse no Banco, na agência de Caçador. Tinha sido minha aluna no Colégio Santo Antônio. Quando conseguiu voltar para a agência de Blumenau, era outra Ethel: acompanhava a turma em tudo, chegou até a jogar como go-

leira nas «peladas» de futebol de salão. Não contava tempo para dar aquela bronca nos colegas que lhe atrapalhassem o serviço — por sinal muito bem feito.

Cristina Güttler. Como o banco estava mal de teletipista, ao assumir no Banco, foi localizada no telex e lá ficou escondidinha durante muito tempo. Mais tarde ao vir para o setor de funcionalismo, teve que lutar muito para não ser considerada apenas «um enfeite» da agência, devido a sua carinha bonita. Conseguiu, após muito esforço.

Vera Primm, minha funcionária mais eficiente. Quisesse ter um serviço bem feito, desse a ela para fazer. Quisesse uma observância estrita de um regulamento, a Vera é que iria desempenhar a função. Nunca tive outra funcionária-maravilha como essa.

José Jorge Zipf, o Duda, e Nery Gonzaga Althoff. Uma vez que minha mulher teve que fazer diversas transfusões de sangue numa operação, deram seu sangue A Positivo para salvá-la. Minha eterna gratidão aos dois.

Curt Hofmann, era meu investigador de cadastro que agia na zona rural, inclusive Pomerode. Dominava o dialeto pomerano com maestria e às quintas-feiras, que era o dia de ir até lá, na volta nos trazia torresmo fresquinho que era devorado na hora pelos colegas famintos.

Elizabeth Walburga Hofmann, a Boige, ganharia um concurso de Miss Simpatia da agência. A alegria constante e seu sorriso largo eram sua marca registrada. Era filha do Curt e era acadêmica de engenharia, na época.

Cassiano Francisco Casas, meu compadre, me sensibilizou muito ao me convidar para padrinho de

seu filho Júnior. Numa reunião de administradores da agência, reivindicou do gerente o tratamento como «ser humano» e não como cachorros da agência para os funcionários comissionados como nós.

Oswaldo Ladewig. Era um gentleman em pessoa. Nunca perdia a dignidade, nem para chamar atenção de um subordinado. Tratava a todos com o adjetivo «caríssimo». Todos o apreciavam.

Sandra Missfeldt. Veio para o cadastro para aprender a fazer fichas cadastrais, o que na época era apenas para uns poucos que conseguiam entender o emaranhado das instruções. Em pouco tempo estava por dentro de tudo. Filha do Rolando Missfeldt, meu grande chefe durante muito tempo.

Isnelda Weise, a Betty, também veio assumir na agência numa época em que ainda havia poucas funcionárias no Banco. Era formada em Direito e tinha uma elegância e dignidade que impunha respeito a todos.

Osmar da Silva. Estava sempre contra o que se resolvia nas reuniões. Não era por mal, não, era só oposição construtiva. No fundo era muito boa gente.

João Correa da Silva. Era o mais antigo contínuo. Tijucano dos bons, estava sempre pronto para uma brincadeira ou gozação. Era uma das pessoas mais queridas pelos colegas. Quando se aposentou ouviu-se um comentário: «Vejam só! Levaram trinta anos para descobrir que o João era um cara legal. Há muito tempo que os amigos dele já sabiam.»

José Guimarães. Outro contínuo muito considerado pelos colegas. Era ex-pracinha da FEB. Lutou na Itália e ganhou neurose de guerra. Ficamos amigos até hoje.

Afonço Soares. O bom Afonço era uma das melhores pessoas que conheci no Banco. Correto, sincero, dedicado ao trabalho como ninguém. Progrediu merecidamente no Banco e continuou o mesmo Afonço de sempre.

Dirceu Pereira. O «negão» de dois metros de altura com alma de menino. Quando eu tinha que chamar atenção dele, antes eu mandava ele sentar: «Senta aí, Dirceu!». Aí então ficávamos da mesma altura.

Diz um ditado popular que quando se quiser ver o verdadeiro caráter de uma pessoa, deve-se dar-lhe poder. Alguns colegas, poucos, felizmente, ao serem alçados a cargos de chefia, mudavam tanto que se tornavam quase irreconhecíveis e passavam a tratar os ex-colegas de tal maneira que pareciam terem se esquecido de que se tratava de seres humanos. Outros, porém, eram gente fina e não se embriagavam de poder.

Muita gente deve estar pensando que não falei nos gerentes, a não ser no Sr. Sada. Não me foi dado ter muito contacto com eles, a não ser profissionalmente, pois os puxa-sacos não deixavam nem espaço nem tempo. Houve duas ocasiões em que pedi favores particulares a dois gerentes e em ambas as ocasiões obtive resultados adversos. Uma vez, no começo de minha carreira de comissionado, quando ainda era grande meu entusiasmo pela carreira, desejei me transferir para São Bento do Sul, cuja agência estava em instalação. Encaminhei um requerimento à Direção Geral, pleiteando um cargo de chefe de serviço, ou até mesmo de Subgerente. Sugeriram-me agir junto à Direção Geral com um pistão. Como eu não conhecia ninguém por lá, apelei para o nosso

Gerente de então, da agência de Blumenau. Contei-lhe tudo sobre a cidade e sobre a nova agência a ser instalada e pedi-lhe que usasse de sua influência junto aos seus conhecidos, Administradores do Banco. Assegurou-me que iria fazer tudo o que estivesse ao seu alcance. Meses depois foi nomeado o cunhado do gerente para o cargo que eu queria. E eu sempre tinha achado que o gerente era meu amigo. Muy amigo. Outra ocasião, com outro gerente mais recente, quando eu ainda não tinha perdido todo o entusiasmo, ao notar que todos os meus colegas comissionados de cargo igual ao meu estavam sendo nomeados chefes de serviço, achei que, tendo vagado um cargo de chefe, eu teria alguma chance. Falei com esse gerente e ele me orientou para fazer meu requerimento que ele iria encaminhar com seu parecer favorável. Entreguei-lhe o documento para ser remetido à Direção Geral e o gerente «amigo», meu conterrâneo, engavetou meu pedido. Foi nomeado um cearense que já tinha trabalhado anteriormente em Blumenau. Este mesmo gerente soltou uma vez na minha presença ao falar de certo cliente de pouca estatura que era proprietário de um Galaxie: «Detesto baixinho!». Apesar de posteriormente ter se lembrado de que eu não sou muito alto e ter me pedido desculpas, senti-me constrangido. Daí passei a observar que ele escolhia seus assessores entre os colegas altos, louros e de olhos azuis, aos quais era chegado.

Sempre gostei de atender ao público, seja como simples funcionário, seja como comissionado. A maioria dos administradores da agência insistia em me manter na retaguarda, em serviços internos.

Você é introspectivo, tem caráter reservado, não serve para atender ao público, diziam-me. Só por poucos lapsos de tempo trabalhei na plataforma de depósitos e na de cobranças. O restante do tempo, quase onze anos, fiquei no cadastro, escrituração, confecção de fichas de cobrança, que são considerados serviços de cozinha e não aparecem. De uma certa época em diante passei simplesmente a ser uma pequena engrenagem do mecanismo do Banco, aguardando a aposentadoria e agradecendo a Deus por me conservar vivo por mais um dia. Eu tinha tido um problema cardíaco-respiratório em 1966 e meu médico me disse «Ruy, você é um hipertenso, um cardíaco. De agora em diante mantenha tuas

coisas bem certinhas e teus negócios e seguros sempre em dia. Esteja pronto para morrer a qualquer hora». Foi uma ducha de água fria em minha vida, em minhas aspirações e mesmo em minha profissão. Nos primeiros tempos eu vivia como um morto-vivo, um zumbi. Comecei depois a tratar de minha hipertensão com carinho, com bons médicos, e aqui estou, vinte e oito anos depois do ocorrido, pronto para o que der e vier.

O Banco do Brasil, ao qual dediquei minha vida inteira, está cada vez mais firme. Eu e meus contemporâneos que passamos por ele, estamos hoje esquecidos, ou mortos ou aposentados.

Ruy Moreira da Costa

REMINISCÊNCIAS DE ASCURRA

Atilio Zonta

- Eleições municipais em Indaial e,
- Visita do Bispo Diocesano à Igreja Matriz de Ascurra.

Em 1945, foram criados Partidos Políticos no Brasil. A 2 de dezembro do mesmo ano, realizaram-se eleições gerais em todo o território nacional. No município de Indaial, do qual Ascurra era Distrito, feriu-se o pleito entre o Partido Social Democrático - PSD, em coligação com o Partido Trabalhista Brasileiro - PTB, tendo como o de oposição, a União Democrática Nacional - UDN, para a escolha do primeiro mandatário do município. As eleições decorreram em calma, apesar do entusiasmo. A coligação infligiu espetacular derrota aos can-

didatos do partido concorrente, elegendo Germano Brandes Júnior, Prefeito de Indaial, para o período administrativo, 1946/1951. Marcus Rauh, sucedeu Brandes, pela mesma legenda, vencendo o seu opositor ao travar-se o prélio eleitoral subsequente, tomando posse efetiva do cargo, para o quinquênio, 1951/1956. Em sua segunda competição eleitoral, Brandes volta a eleger-se, por expressiva maioria, Prefeito de Indaial, nas eleições de 3 de outubro de 1955, derrotando mais uma vez, o candidato da UDN, empossando-se no cargo, pe-

rante elevado número de correligionários, em 30 de janeiro de 1956, com término, o seu mandato, a 30 de janeiro de 1961.

A UDN, após três derrotas consecutivas, em que durante muito tempo ficou amargando o seu resultado eleitoral, viu-se desgastar-se em ritmo acelerado, o que a obrigou a buscar alterações significativas no quadro político e mobilizar-se para atrair filiações de novos líderes. A chefia do partido foi entregue ao contabilista Alfredo H. Hardt, Diretor Presidente da Oficina Mecânica Confiança S.A., da cidade de Indaial, considerado um verdadeiro guia, de peculiar bondade, de alto padrão moral e homem dotado de extraordinária capacidade organizativa. Um grande orientador e, sobretudo, desinteressado, que sacrificando muitas vezes o seu próprio interesse, trocando o conforto e a tranquilidade, se tem empenhado pelo crescimento da legenda e pelo desenvolvimento do município. Nas eleições transcorridas em 1960, a UDN de Indaial, lança o seu candidato a Prefeito, recaindo essa candidatura sobre o seu chefe político, Alfredo H. Hardt. Em ambiente acalorado, ao ferir-se o pleito, recebendo irrestrito apoio dos sub-Diretórios distritais de Ascurra e Apiúna, marcaram a derrota da coligação, por pequena margem de votos. A oposição, pela primeira vez, elege o prefeito do município, para governar durante o período compreendido entre 30 de janeiro de 1961 a 30 de janeiro de 1966. Ascurra, lhe deu expressiva vantagem de votos sobre o seu oponente, garantindo-lhe a vitória. O sub-Diretório da UDN de Ascurra, era constituído por: Atilio Zonta, Leandro Possamai, Ernesto Dagnoni, Alfonso Raffaelli, Alberto Possamai,

Américo Zonta, Artur Reblin, Antônio Fistarol, Amadeo Tôttene, Lúcio Marchi, Giuseppe Moser, Teodoro Moser, Leo Cegatta, Walter Cegatta e Paulo Zonta.

Eleito Prefeito, Alfredo H. Hardt, assume o cargo a 30 de janeiro de 1961, perante a Câmara Municipal de Vereadores e na presença de grande número de adeptos. As expressões de alegria explodiam na praça de Indaial e nas sedes dos Distritos, por essa vitória.

Inicia-se no município, uma nova administração, operosa e fecunda, sob todos os aspectos. Após ter assumido o cargo, o Prefeito Hardt, volta a percorrer os povoados, juntamente com o Fiscal recém-nomeado, o dinâmico e competente, Walter Kennenberg, para conhecerem de perto os problemas surgidos em consequência das fortes chuvas e inundações. Verificaram-se estragos enormes, em que dificultavam o acesso de veículos aos lugarejos interioranos. Prefeito e Fiscal chegaram à conclusão de que, para solucionar o problema em curto espaço de tempo, haveria a necessidade de reforçar o complexo de equipamentos rodoviários, adquirindo veículos, compressor e trator. Com o que decretou a Câmara Municipal, o Prefeito foi autorizado a adquirir essas máquinas destinadas aos serviços municipais. Em poucos meses de trabalho, ficou restabelecido o tráfego em todas as vias que levavam aos povoados mais distantes, do centro do município. Indaial, até o desmembramento do Distrito de Ascurra, que este fôra elevado à categoria de município autônomo em abril de 1963, possuía aproximadamente, 700 quilômetros de estradas. Exigia-se, sobremaneira, por parte da administração, empenho total e dedicação para deixar em boas con-

dições de uso todas essas vias públicas. Com um esforço beneditino, do Prefeito Hardt, é recuperado o município. Inicia-se portanto, uma administração fecunda e proveitosa, que permitiu ver mais adiante, perspectivas radiosas. O primeiro ano que se findou, transcorreu-lhe um tanto acidentado, mas, graças à sua dedicação e vontade de vencer, deixou os habitantes dispersos em todos os lugares do município, felizes, recebendo deles, festas e aplausos, ao reencontrá-los em novas visitas. Sua administração tem-se caracterizado pelas visitas frequentes a todos os interiores, principalmente, em festas de igrejas e escolas e, sobretudo, fiscalizando os trabalhos desenvolvidos pelos seus auxiliares.

Mais adiante, ou seja, no próximo Capítulo, serão observadas as obras e realizações executadas pelo Prefeito Alfredo H. Hardt, durante a sua administração.

Vamos abaixo, transcrever, na íntegra, a Ata que registra a visita pastoral à Igreja Matriz de Ascurra, em 19 de abril de 1942, pelo Bispo Diocesano, Dom Pio de Freitas, Diocese de Joinville.

«Termo da Visita Pastoral»

«In nomine Domini»

«Fazemos saber que, em giro de Visita Pastoral, chegamos a esta Paróquia de S. Ambrósio de Ascurra no dia 19 de abril de 1942, à tarde, sendo festivamente recebido na frente do Colégio «São Paulo», pelos Revmos. Pes. Salesianos, alunos, escolares e fiéis. D'ali fomos conduzidos em cortejo solene à Matriz, onde, tendo dirigido aos presentes nossa primeira exortação, demos por iniciada a presente Visita.

Durante ela, observamos a se-

guinte ordem: dia 19, domingo, crismas na Matriz; dia 20, 2ª. feira, visita e crisma em Aquidaban; dia 21, 3ª. feira, missa na Sagr. Família, sendo interrompidos os exercícios da Visita para assistirmos a inauguração do Grupo Escolar «Oswaldo Cruz» em Rodeio; dia 22, 4ª. feira, visita e crisma em Vargem Grande; dia 23, 5ª. feira, Estação dos Defuntos na Matriz, procissão ao cemitério, visita ao Tabernáculo, à igreja e suas dependências; dia 24, 6ª. feira, visita à capela de Santa Terezinha, no Ilse; dia 25, sábado, visita e crisma, nas duas capelas da Subida: Caravaggio e S. Antonio; dia 26, domingo, em Guaricanas e dia 27, 2ª. feira, na capela de S. Luiz em Rib. Bode. Esta visita foi executada com chuva nos dois primeiros dias e no último. Encontramos na Paróquia os Rmos. Padres Salesianos Aleixo Costa, Luiz Venzon, Simon Majcher, Francisco Eigmann e Feliz Rokiki, sendo o primeiro mencionado o provisionado há pouco e empossado Vigário da Paróquia, e os outros coadjutores e achando-se recolhido no Hospital de Rodeio, por passageira doença o Rmo. Sr. João Batista Rolando, que por tantos anos aqui trabalhou, tendo sido o primeiro coadjutor e depois, por 11 anos Vigário.

Foi-nos grato ver, entre outros melhoramentos, a nova Capela do Colégio, que está quase no ponto de receber o teto; a nova fachada da Matriz, que já subiu um metro acima dos alicerces, e, mais que tudo, o crescido número de aspirantes para a Congressão Salesiana, número que atinge a 70 e tantos. Sendo isto uma bênção promissora de Deus em favor das muitas obras que a benemérita Congregação mantém. Bênção esta em que terão parte a Paróquia e a Dio-

cese. O que é mais um motivo de nos congratularmos: Mas, porque o bem a se esperar desta obra é muito grande, não lhe tem falhado dificuldades a se porem no seu caminho. Temos entretanto confiança que Deus fornecerá os recursos para vencê-las: *Giucopit opus bonum, ipse perficiet.*

Não está ainda organizado na paróquia o movimento das Agremiações religiosas e seu conseqüente trabalho de Ação Católica. É entretanto esta um meio poderoso para desenvolver-se a piedade, conservar os costumes cristãos e proteger a fé. Recomendamos pois fundar-se e manter em atividade em primeiro lugar o apostolado da Criação do Sagr. Coração de Jesus. Esta Associação é fácil, atraente, muito prática e se dirige a todos. Só com esta poderá o Vigário ter em suas mãos os paroquianos que quiser. Mas são ainda muito recomendadas para as moças a Pia União das Filhas de Maria e para os moços e homens a Congregação Mariana. E nestas categorias de fiéis assim agremiados poderão se distribuir as incumbências e atividades da Ação Católica, assim como determinamos, em Pastoral sobre este assunto. A Pia União das Filhas de Maria já foi fundada em 1925 nesta Matriz e teve 7 reuniões no paróquiato do sr. Pe. Muzzarello, 8 do sr. Pe. Alberti, 9 no interinato do Sr. Pe. Agenor e 1 no Paróquiato do sr. Pe. Rolando. Foi um belo começo que deve ter o seu prosseguimento e espalhar, quanto possível, pelas capelas. A Congregação Mariana foi, em boa hora, fundada na Capela de Vargem Grande, e lá reúne um grupo de homens e moços de boa vontade que merecem ser imitados e apoiados. Tudo enfim se deve fazer com or-

dem, medida e prudência, olhos fitos em Deus e conforme as circunstâncias indicarem. Porque seria melhor não começar uma obra, a que fundá-la para deixar morrer.

Folgamos muito em saber que as visitas paroquiais às capelas serão marcadas e avisadas com antecedência e bem preparadas antes por aqueles que as deva fazer. Temos certeza que assim produzirão dobrados frutos. Recomendamos exatidão e certa minúcia em anotar no Livro do Tombo o movimento paroquial e os acontecimentos que interessam a Paróquia. Sabemos que isto constitui um repositório precioso, útil a se consultar em qualquer tempo. Reconhecemos com sinceridade o belo trabalho executado nesta paróquia e nesta zona pelos Rmos. Padres Salesianos durante estes 25 anos decorridos. Seus empreendimentos na conquista das alunas não tem retrocedido, mas apresentam constantes progressos. Damos disto, com satisfação, público testemunho em favor dos que aqui passaram e outro tanto esperamos dos que agora aqui estão e dos que, pelo tempo adiante, virão receber a sua herança de apostolado.

De coração agradecemos as atenções e bom acolhimento que aqui temos recebido assim desta como das outras que aqui viemos e particularmente a boa, leal e generosa cooperação que de todos tivemos nesta Visita. Terminando invocamos para os Rmos. Padres, suas obras, seus trabalhos e para os queridos diocesanos desta Paróquia as preciosas bênçãos de Deus Nosso Senhor.

Dado em Acurra, aos 29 de abril de 1942.

+ Pio Freitas, Bispo de Joinville.

Crismas durante esta Visita Subida 1^a. e 2^a. 121; Guaricanas
Pastoral: Matriz 340; Aquidaban 96; Ribeirão do Bode 27. Ao todo
158; Ilse 80; Vargem Grande 132; 954 crismas.»

- No próximo número desta Revista, continuaremos a abordar assunto relacionado à administração do Prefeito Alfredo H. Hardt;
- Primeira visita pastoral de Dom Gregório Warmeling, Bispo Diocesano de Joinville e,
- Cemitério de Guaricanas.

Aconteceu... há 50 anos passados

José Gonçalves

(Notícias copiadas das páginas do jornal "A Nação" — 1943-1980)

— DIA 07/03/1945 — O Instituto Educacional Sagrada Família comunicou em edital o funcionamento, a partir do mês em curso, do ginásio feminino.

— DIA 09/03/1945 — Jogando no estádio da baixada (do Olímpico), o Palmeiras superou a equipe do América de Joinville por 5 a 4.

— DIA 14/03/1945 — Nesse dia registrava-se mais um aniversário natalício da então srta. Annemarie Techentin, uma das figuras mais admiradas, estimadas e aplaudidas naqueles tempos e nas décadas seguintes, por seu exemplar desempenho nas funções de secretária de diversos prefeitos, como Hercílio Deeke e Frederico G. Busch Jr. (duas gestões cada um), Carlos Curt Zadrozny, Evelásio Vieira e Félix Theiss.

— DIA 15/03/1945 — O Jornal, assim como os demais órgãos da imprensa nacional, destacam o lançamento da candidatura à presidência da República, do então Ministro da Guerra, General Eurico Gaspar Dutra.

— DIA 17/03/1945 — O Jornal dá destaque à segunda grande vitória alcançada no hipódromo da Gávea, no Rio de Janeiro, da égua "Saltarela", criada no haras de propriedade do blumenauense Adolfo Schmalz, no bairro City Figueiras.

— DIA 18/03/1945 — Jogando no estádio da baixada, o Olímpico goleou a equipe do Marcílio Dias, de Itajaí, vice-campeã estadual, pela contagem de 7 a 2. A renda foi de Cr\$ 2.400,00.

— DIA 18/03/1945 — Num jogo amistoso realizado em Itoupava Norte, o Bandeirantes venceu a equipe do Vasto Verde por 2 a 0.

— DIA 19/03/1945 — Tomou posse na presidência do Palmeiras o sr. Germano Beduschi, tendo sido eleito presidente de honra o engenheiro Antonio Vitorino Ávila Filho. 1^o. Secretário o sr. Luiz Reis; 2^o. Secretário, Emanuel Pereira; 1^o. Tesoureiro, Augusto José de Souza Filho e 2^o. Tesoureiro, Oswaldo Olinger. Augusto era, também, um dos mais eficientes jogadores do Palmeiras naquela época.

— DIA 23/03/1945 — O Jornal destaca o lançamento da candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes à Presidência da República pela União Democrática Nacional.

— DIA 25/03/1945 — Em notícias locais, o jornal dá destaque à conquista, por parte da srta. Lígia Gessy Pereira, do "Brevet" de piloto, no Aero Clube de Blumenau, como sendo a primeira mulher catarinense a conquistar este distintivo que lhe deu o direito de pilotar um avião.

— DIA 04/04/1945 — É destaque nas páginas do jornal, a proposta do governo de aumentar o nível do salário mínimo, de Cr\$ 380,00 para Cr\$ 500,00.

— DIA 08/04/1945 — Em Gaspar, foi procedida a solenidade da bênção da Pedra Fundamental da Igreja Matriz, a qual contou com a presença, inclusive, do bispo diocesano D. Pio de Freitas.

UM ROMANCE PLÚRINO

Num trabalho a três mãos, Holdemar Menezes, Silveira de Souza e Francisco José Pereira escreveram um romance que, sob esse aspecto da confecção, me parece único nas letras do Estado. Todos são escritores traquejados, embora o último só tenha começado a publicar suas ficções há poucos anos. Silveira e ele, por coincidência, são ambos meus colegas de Faculdade.

Refiro-me ao livro «Um ônibus e quatro destinos», publicado pela Movimento (P. Alegre — 1994). Trata-se, em linhas gerais, da história de quatro passageiros que chegam a Florianópolis no mesmo ônibus, em abril de 1956, e cujos destinos daí por diante são descritos pelos autores sem combinação prévia e permitindo a cada um deles desenvolver livremente sua criatividade. A história é envolvente e prende o leitor até o fim, atento aos tropeços e sucessos dos quatro personagens e seus complicados destinos.

A velha Florianópolis dos anos 50 surge como autêntico e fiel pano de fundo. Provinciana e pacata, quase sempre às escuras, varrida pelo vento sul, a cidade se orgulhava dos seus casos e ocasos raros. Nela todos se conheciam e se encontravam no vai-e-vem das ruas estreitas e tortuosas. Uma cidade da qual a «Floripa» de hoje quase nada lembra.

É interessante observar que, depois da leitura dos primeiros capítulos, o leitor identifica a autoria de cada um dos seguintes, mesmo sem correr os olhos pelo sumário. Cada autor é dono de um estilo inconfundível, com formas muito pessoais de se expressar.

Uma leitura que compensa.

OS TRINTA ANOS DO «SABADOYLE»

Em 25 de dezembro do ano passado o «Sabadoyle» completava trinta anos. Foi no distante Natal de 1964 que o poeta Carlos Drummond de Andrade, necessitando de uma informação, foi à casa de Plínio Doyle, jurista, bibliófilo, escritor, dono de uma formidável biblioteca de literatura brasileira. Alguém que precisava falar com Drummond para lá se dirigiu, o papo se alongou pela tarde daquele sábado e assim nascia, sem planejamento algum, essa confraria *eui generis*. Todos os sábados, desde então, a reunião se repetia, cada vez com maior número de frequentadores, alguns assíduos, outros bissextos.

Depois de algum tempo, resolveu o «Sabadoyle» fixar em atas as suas reuniões e tem tido, ao longo dos anos, algumas das mais expressivas figuras de nossas letras como «ateiros.» Surgia, ao mesmo tempo, uma verdadeira bibliografia sabadoyleana, com a publicação de livros, reportagens, poemas, folhetos, fotos e tudo o mais. Algumas dessas atas são autênticas obras literárias, em prosa e verso.

O mais recente título dessa já numerosa estante é «Natal no Sabadoyle», organizado por Olímpio Matos e publicado por Massao Ohno (S. Paulo — 1994). Nele o incansável bibliotecário reúne crônicas e poemas de conhecidos autores, todos aficionados da confraria, escolhidos dentre inumeráveis outros. Em verso ou prosa, todos destacam a «convivialidade» reinante nas reuniões, mesmo estando presentes intelectuais das mais variadas tendências e apesar das trovoadas, ventanias e tempestades que aconteceram nessas três décadas.

Mas o que todos desejam mesmo, e deixam transparecer nos seus textos, é que o «Sabadoyle» se projete no futuro, sempre ativo e animado, e isso por muito, muito tempo.

TRÊS NOTAS

Visitou Santa Catarina o escritor paulistano Carmello Chamorro. Poeta, cronista e tradutor, ele foi o criador da **gazetofilia**, que consiste na arte de colecionar jornais. Sua coleção, iniciada há mais de dez anos, impressiona pela quantidade e variedade, além de fornecer uma panorâmica da imprensa nacional e sua evolução. Ele foi entrevistado pela RCE-TV, de Itajaí, e pela Rádio Menina, de Balneário Camboriú.

*** Importante jornal de nosso Estado publicou extensas matérias sobre o suposto «boom» do livro em Santa Catarina. Gostaria de aplaudir e me congratular, mas bem diferente é a realidade, como tenho verificado em constantes viagens e contatos, e isso há longos anos. Matérias assim, exceto para estimular bairrismos fora de moda, em nada contribuem porque todos julgam que refletem a realidade e cruzam os braços. É necessário começar a encarar as coisas com realismo e procurar melhorá-las. Chega de ilusão!

*** Jácomo Mandatto é um dos maiores estudiosos e conhecedores de Mário de Andrade. Creio que foi o único a relacionar e resumir todas as cartas publicadas de Mário, cerca de 1400! No entanto, o suplemento **Mais!**, do jornal **Folha de S. Paulo**, do dia 19 de janeiro, teve como tema central o autor de «Macunaima», citou inúmeros nomes e não fez uma só referência a Jácomo. Sem falar que na relação dos volumes de cartas faltaram alguns da maior importância. Não sei se a exclusão do pesquisador de Itapira se deve à desinformação ou se funcionou o velho e deplorável hábito das «panelas.» Qualquer das hipóteses é lamentável. Ocorreu no último dia 25 de fevereiro o cinquentenário do falecimento de Mário de Andrade, permitindo que seja aberto o arquivo de sua propriedade, lacrado por ordem dele, e que se encontra no Instituto de Estudos Brasileiros da USP. Revelações muito interessantes deverão vir a público.

Os livros «Urupês» e «Negrinha», de Monteiro Lobato (1882/1948), acabam de ser reeditados pela Brasiliense, em primorosas edições de capas duras e em várias cores. O primeiro é o «marco zero» do nosso Modernismo, como definiu Oswald de Andrade, e provocou uma revolução em nossas letras. O segundo fecha a trilogia que reúne a obra desse contista, à qual também pertence «Cidades Mortas.» É sinal de que, mesmo depois de tantos anos, Lobato ainda tem grande público.



Caricatura de Andrés Guevara publicada no "Fon-Fon", 1924.

Curiosidades de uma Época - XXXV

O VENDEDOR

S. C. WAHLE — 1995

No início da 2ª. guerra mundial, ainda como estudante de engenharia na antiga Escola Nacional de Engenharia, situada no Largo São Francisco, Rio de Janeiro, eu residia numa pensão no Botafogo que pertencia ao sr. Willy Schueler casado com uma france-

sa, Claire Viot. Certa manhã ao dirigir-me à saleta do café, o sr. Schueler apresentou-me ao sr. Werner Glass.

Contou-me o sr. Glass que era natural de Hamônia hoje Ibirama. Terminada a escola de Ibirama foi encaminhado a Blumenau, onde

frequentou uma escola por mais dois anos, quando os pais resolveram enviá-lo à Alemanha para fazer um curso sobre técnicas de curtume.

Terminado o curso foi procurar uma firma, em Siegen, para poder, não só trabalhar, como também aprender e praticar os segredos do curtume, que são muitos. Passado o período de experiência, o grupo de firmas, pois além de um curtume, também possuía várias fábricas de artefatos de couro, como bolsas para senhoras, artigos para homens, como pastas, capas para agendas, carteiras para dinheiro, malas e maletas, bem como uma grande variedade de outros produtos de couro, resolveu colocá-lo na parte comercial, no setor de vendas. Pelo fato de dominar diversas línguas, além do alemão e do português, dominava o inglês, o francês e razoavelmente o italiano, passou a atuar no setor de exportação, onde em pouco tempo passou a exercer o cargo de gerente de exportação.

Foi como gerente de exportação, numa viagem de retorno à Ásia, que a guerra surpreendeu-o na Namíbia, ex-colônia alemã até a primeira guerra mundial (Deutsch Suedwestafrika).

Com dupla nacionalidade, um passaporte alemão e outro brasileiro, não tinha dificuldades em locomover-se. Ficou a espera de uma oportunidade para dirigir-se ao Brasil, pois ali ainda tinha os seus pais residindo na Hamônia.

Enquanto estava aguardando a sua vez, aproveitou para fazer compras de jóias em Swakopmund, habitada por alemães e descendentes de alemães, principalmente, então o maior centro de confecção de jóias caseiras. Praticamente

cada casa tinha uma oficina de jóias no fundo de quintal, e para ele era uma oportunidade de ver-se livre do dinheiro alemão que ainda trazia consigo. Era sua intenção transformar estas jóias em dinheiro brasileiro, que com certeza viria necessitar. Certo dia apresentou-se a chance de embarcar no navio alemão Windhuck, de 40000 ton, que fazia normalmente a rota da Ásia. Este navio dirigia-se para Santos, onde esperava achar abrigo, em um porto seguro, contra a esquadra inglesa que varria os mares a procura de embarcações alemãs. Ao chegar no porto de Santos, o governo brasileiro de imediato confiscou o barco alemão. Os passageiros foram liberados e a tripulação retida. Não se conformando com o ato do governo brasileiro, a tripulação injetou cimento líquido nas turbinas e nas tubulações das caldeiras, tornando o navio inavegável.

Werner Glass, ao abandonar o navio, primeiramente foi visitar os pais em Ibirama. Na volta para o Rio passou por Indaial, visitando algumas indústrias têxteis com o objetivo de representá-las no Rio. Ao passar por São Paulo fez a mesma coisa, e no Rio foi hospedar-se na Pensão do sr. Willy Schueler. Apesar de muitos anos fora do Brasil, não se conformara da divisão do Município de Blumenau, e apesar de ter nascido em Ibirama, agora já município, costumava dizer que ainda se considerava um blumenauense.

Uma vez fixado no Rio, começou a vender tudo o que caía-lhe nas mãos, desde toalhas felpudas de Indaial, cortinas de São Paulo, pregos para ferrar cavalos, etc., etc. . .

Certo dia encontrei-o de ma-

nhã na Rua do Ouvidor onde apresentou-me ao sr. Gene Doubs, um suíço, técnico em caldeiras, representante da Combustion Engineering, Inc. O sr. Doubs e eu ficamos bons amigos durante 50 anos, até a morte deste. Naquele dia o sr. Doubs contou-me que estava procurando um vendedor para Moinhos Raymond, de fabricação Combustion Engineering, que são equipamentos complexos e pesados, usados para moagem industrial de talco e gesso. O sr. Werner Glass apresentou-se como candidato sem nunca ter ouvido falar deste equipamento. Apesar das dúvidas, o sr. Doubs entregou tentativamente as vendas deste equipamento ao sr. Glass. Este tornou-se o melhor vendedor dos moinhos Raymond da Combustion Engineering do Brasil.

Quando o sr. Schueler, teve que sair da casa onde ficava a sua pensão, pois a mesma iria ser demolida, para dar lugar a um prédio

de apartamentos, cada um dos hóspedes mudou-se para um endereço diferente. Periodicamente ainda nos víamos, mas os encontros diminuiam muito em frequência; pouco tempo após a guerra, tendo perdido de vista o sr. Glass, perguntei ao sr. Schueler o paradeiro dele. Disse-me que também o perdera de vista, e supunha que deveria ter voltado à Alemanha.

Werner Vlass enquadra-se bem no livro de Karl von Clausewitz, «Vom Kriege», 1835, onde diz: «na guerra tudo é fácil, mas o fácil é difícil»; isto aponta para o fato que quando mencionamos um gênio, é mais uma questão de temperamento do que de inteligência. Por sua natureza, o temperamento não pode ser testado antes que seja posto em uso. Werner Glass vencera pelo seu temperamento e não pelos conhecimentos e nem pela inteligência.

GENEALOGIA das famílias Gehrent — Schmidt e Silva — Gorges

(Continuação)

B8-8 — Kiliano Kretzer, cc Joana Schmitt, Barro Branco, c/ 12 filhos, filha de Nicolau Adão Schmitt e Ana Catarina Reitz.

B9-9 — Clementina Kretzer, n. 1899, cc Lino João Fuck, Ang., n. a 1897. Casou a 22.01.1921 (30/27) — Ang. — f. João Fuck e Carlota Schappo, c/12 filhos — Garcia.

B10-10 — Otilia Kretzer, cc Leopoldo Stein, c/ 10 filhos — Col. Sta. Teresa.

N2-2 — Adão Nicolau Schmitt, n. a 28.04.1863 — Barro Branco e + a 27.05.1956, c/ 93 a., em Ang. — f. Nicolau Adão Schmitt, n. 1838 e Ana Catarina Reitz, n. 13.10.1836, em Hirschfeld — Alemanha.

Em 16.04.1887, cas. Spa., cc Maria Luisa Deschamps, n. a 29.12.1866, e + a 06.02.1961, c/ 95 a. — Ang., f. Nicolau Antonio Deschamps, n. a 02.11.1842, em Spa, e + a 15.12.1875, c/ 33 a., em Spa, e Gertrudes Kehrig, n. a 09.09.1842 e + a 31.05.1930, c/ 88 a., Spa, n/p Nicolau Deschamps, II, n. a 1817, Alemanha, e + em 1880, c/ 63 a., em Gaspar e Luisa Ostermann, n. 1818, Alemanha e + em Gaspar

— n/m Estevão Kehrig, n. 1802 e Catarina Esper, n. 1803 — b/p. Nicolau Deschamps, l. n. 1795, Al. e + a 1887, c/ 92 a., em Gaspar e Catarina Eich, n. 1794, Al., e + em Gaspar. Tiveram 14 filhos.

B1-11 — Maria Gertrudes Schmitt, n. a 19.06.1888, e + a 09.08.1952, c/ 64 a., cc João Kuhn, + em 1957. Pais de 9 filhos.

T1-1 — Elza Kuhn, Irmã Catarina, freira da Divina Providência, + a 11.11.1986 — Laguna, Florianópolis.

T2-2 — Ida Kuhn, cc Zacarias Yeng, r. Sta. Filomena — Fpolis., c/ 10 filhos.

T3-3 — Clara Kuhn, cc Gabriel Petry, n. a 15.06.1915, f. Nicolau Petry, n. 1879 e Filomena Schmitz, n/p. João Petry, n. 1842 e Margarida Schmidt., n. 17.07.1944, b/p. Matias Petry e Catarina Pauli, b/m. Nicolau Schmidt, n. 1815 e Margarida Bins, n. 1819 — c/ 8 filhos.

T4-4 — Sebastião Kuhn, + 1992, cc Haída Mota, r. Pelotas — Capoeiras, c/ 2 filhos.

T5-5 — Otilia Kuhn, + 1975 — cc Lindolfo Bepler, + 1973 — r. Joinville, c/ 7 filhos.

T6-6 — Ivo Kuhn, cc Ligia Lehmkuhl — r. Joinville, c/ 8 filhos.

T7-7 — Osvino Pedro Kuhn, cc Oswaldina Goedert, r. Joinville — Praia Comprida, c/ 9 filhos.

T8-8 — Celso Kuhn, cc Reinildes Kretzer, res. Porto União — c/ 5 filhos.

T9-9 — Antonio Kuhn, cc Yolanda Siebert, r. S.P. / Foz do Iguaçu, c/ 3 filhos.

B2-12 — João Benjamin Schmitt, n. a 31.03.1890, + 21.08.1981 c/ 91 a., Ang. — RC. 19.04.1890 (10V.6), Spa, — cc Maria Prim, n. 02.06.1889, Spa e + 05.02.1947 Ang. c/ 57 a. — f. Egídio Prim e Maria Schmitt — res. Ang. c/ 9 filhos.

Em 1^{as}. núpcias cc Catarina Stäelin, S.S., res. Vargem dos Pinheiros, (fl. 106, N12 — Fruto da Imigração, Fi, de P.R. Reitz).

T1-10 — Wilfrida Schmitt, n. 12.06.1915, cc Sebastião Pitz, n. 15.11.1915 e + a 17.05.1981 — c/ 66 a., f. Francisco Pitz e Luiza Kessel, r. Porto União.

Q1-1 — Maria de Lourdes Pitz, n. 23.06.1943 — cc Roque Rossa, r. Porto União, c/ 4 filhos.

Q2-2 — Valdemiro Pitz, n. 30.07.1944, cc Laura Guellem, r. Porto União, c/ 2 filhos.

Q3-3 — Guido Pitz, n. 22.12.1946, cc Edna Schroeder, r. Porto União c/ 4 filhos. (1 +).

Q4-4 — Zita Pitz, n. 30.07.1947, + 15.01.1948.

Q5-5 — Jaime Pitz, n. 13.04.1949, cc Anatália Hessa, r. Porto União, c/ 3 filhos.

Q6-6 — Orlando Pitz, n. 18.06.1952, sol. r. Cor.

Q7-7 — Aloisio Antônio Pitz, n. 20.06.1954 — cc Maurina Maurer, r. Porto União, c/ 2 filhos.

Q8-8 — Ervino Pitz, n. 19.05.1956, cc Yolanda Olbertz, r. Paula Freitas, PR c/ 3 filhos.

Q9-9 — Marta Pitz, n. 19.10.1958, cc José Dornelles Wiemes, r. Porto União, c/ 1 filho.

T2-11 — Virgílio Schmitt, n. 28.01.1917, + 23.07.1989, solt. — Angelina.

T3-12 — Maria de Lourdes, n. 21.01.1919, cc João Schuch, n. 10.09.1911, f. Guilherme Schuch e Inês Schoppo, res. Betânia/Ang., c/ 10 filhos.

Q1-10 — Cecília Schuch, n. 11.12.1939, cc José Pedro Leite Bastos, Estreito, c/ 1 filho.

Q2-11 — Adelino Schuch, n. 09.01.1941, cc Maria Madalena Simas, Estreito, c/ 3 filhos.

- Q3-12 — Valério Tito Schuch, n. 15.02.1942, cc Maria de Lourdes Küster — Barreiro, c/ 3 filhos.
- Q4-13 — Osnildo Guilherme Schuch, n. 21.04.1944 — cc Marilete Budgewicks, Estreito, c/ 3 filhos.
- Q5-14 — Maurílio João Schuch, n. 13.09.1946 — cc Terezinha Reitz, Betânia, c/ 3 filhos.
- Q6-15 — Vilma Rosa Schuch, n. 09.10.1948, cc José dos Santos Vieira, Barreiro, c/ 4 filhos.
- Q7-16 — Amélia Inês Schuch, n. 30.08.1950, cc Horiovaldo Martins, S. Limões, c/ 2 filhos.
- Q8-17 — Benedito Schuch, n. 06.02.1953, cc Sueli Terezinha Schmitt, Ang., c/ 3 filhos.
- Q9-18 — Angela Maria Schuch, n. 01.05.1954 — cc Antonio Hoffmann, AC.
- Q10-19 — Judite Schuch, n. 01.10.1962, cc Bruno Back, res. Ang., c/ 2 filhos.
- T4-13 — Judite Schmitt, n. 18.03.1920, cc Fredolino Bernardo Schmidt, n. 10.03.1915, e + 07.04.1981 — f. Bernardo Nicolau Schmidt e Ana Maria Schweitzer — n/p — Nicolau Schmidt, n. 1815 e Margarida Bins, n. 1819, Alemanha — b/p. João Pedro Schmidt, n. 08.09.1791 e Maria Madalena Wirschem, n. 1792, c/ 8 filhos.
- Q1-20 — Neuza Schmidt, n. 13.05.1949 — cc José Eládio de Souza — Praia Comprida/Palhoça, c/ 2 filhos.
- Q2-21 — Rogério Benjamin Schmidt, n. 08.10.1950, cc Maria Serpa Vady, Fl., c/ 3 filhos.
- Q3-22 José Moacir Schmidt, n. 24.12.1951 — cc Alacir Borges, Fl., c/ 2 filhos.
- Q4-23 — Edson Schmidt, n. 03.03.1953, cc Arlete Souza, Col. Santana c/ 3 filhos.
- Q5-24 — Eraine Sadi, n. 02.05.1955, cc Lais Duarte — Cur., c/ 2 filhos.
- Q6-25 — Paulo Cesar Schmidt, n. 17.05.1957 — cc Carmelita Pereira, Col. Santana, c/ 2 filhos.
- Q7-26 — Ana Maria Schmidt, n. 02.11.1958, cc Adonis Borges, Camp., c/ 2 filhos.
- Q8-27 — Maria Cleonice, n. 14.01.1962, res. Col. Santana, c/ 1 filho.
- T5-14 — José Carlos Schmitt, n. 17.02.1923 — cc Maria Zilda Terêncio, n. 11.12.1929 — f. Antonio Terêncio da Costa e Maria Sebastiana, res. União da Vitória — PR. Pai de 5 filhos.
- Q1-28 — Wilson José Terêncio, n. 31.12.1949 — cc Bernardete Hobi, r. União da Vitória — PR., c/ 3 filhos.
- Q2-29 — Maria Ilcione Terêncio, n. 29.10.1950 — cc Enivaldo Antonio Pohl, União da Vitória — PR., c/ 3 filhos.
- Q3-30 — Waldemar Antônio Terêncio, n. 09.07.1952 — cc Thelma Stresser, Maringá, c/ 3 filhos.
- Q4-31 — Francisco Wilmar Terêncio, n. 15.01.1954 — cc Rosangela Maria Padilha, Porto União, c/ 1 filho.
- Q5-32 — Carlos Valdir Terêncio, n. 12.03.1958, cc Regiane Inês Padilha, P. Un., c/ 1 filho.
- T6-15 — Pedro D'Alcântara Schmitt, n. 19.10.1924 — cc Dominila Ludwig, n. 16.10.1926, + 24.12.1975, f. Ernesto Ludwig e Apolonia Sens, Ituporanga. Pai de 7 filhos.
- Q1-33 — Maria Alice Schmitt, n. 09.09.1952 — cc Rogério Longen — Itup., c/ 3 filhos.
- Q2-34 — Marlene Schmitt, n. 10.04.1954 — cc Silvestre Goulart — Indaial, c/ 2 filhos.

- Q3-35 — Marlene Schmitt, + criança.
- Q4-36 — Rita de Cássia Schmitt, n. 08.02.1958 — cc Osmar de Souza — Indaial, c/ 1 filho.
- Q5-37 — José Francisco Schmitt, n. 31.01.1960 — cc Zelita Huller — Itup. c/ 2 filhos.
- Q6-38 — Maria Schmitt, n. 07.12.1964 — cc Amândio Goulart — —Ind. c/ 1 filho.
- Q7-39 — Jorlei Luiz Schmitt, n. 05.11.1972 — res. Itup.
- T7-16 — Aloísio Schmitt, n. 19.07.1927 — cc Clara Perard, n. 03.01.1929, f. Domingos Perard e Rozalina Back, res. Ang. Pai de 8 filhos.
- Q1-40 — José Luiz Schmitt, n. 06.03.1954 — cc Maria Bernadete Zilli, Campinas — c/ 2 filhos.
- Q2-41 — Wilmar Benjamin Schmitt, n. 05.03.1956 — cc Maria de Fátima Stüpp, Itapema — c/ 1 filho.
- Q3-42 — Rafael Francisco Schmitt, n. 24.10.1957 — cc Mirza Neli Kamers, Ang., c/ 1 filho.
- Q4-43 — Antonio Schmitt, n. 12.07.1960 — cc Helen Brüggmann Bunn, res. Campinas — c/ 1 filho.
- Q5-44 — Maria Salete Schmitt, n. 14.02.1963 — cc noivo, Júlio Cesar Pires — Campinas.
- Q6-45 — Maria Claudete Schmitt, n. 14.09.1964, solt. — res. Campinas, S.J.
- Q7-46 — Maria Gorete, n. 15.04.1967 — cc Karlen Brüggmann Bunn — União Vitória.
- Q8-47 — Renato Carlos Schmitt, n. 04.06.1970 — cc Nelita Dias, Ang.
- T8-17 — Rainildes Schmitt, n. 21.03.1931 — cc Nicolau Aluzalla, n. 18.07.1935, f. Pedro Aluzalla e Maria Aluzalla, res. União da Vitória — c/ 4 filhos.
- Q1-48 — Cesar Aluzalla, n. 04.12.1967 — cc Julia Niezer, res. Un. Vit./S. Paulo.
- Q2-49 — Maria Angélica Aluzalla, n. 11.12.1968 — cc Deomar Kades, Conc./ Ang., c/ 1 filho.
- Q3-50 — Maristela Aluzalla, n. 10.10.1972, solt.
- Q4-51 — Margarete Aluzalla, solt. n. 28.02.1919.
- T9-18 — Francisco Schmitt, n. 03.08.1933 — cc Heloisa da Luz Costa, n. 08.10.1943, f. Oslin Costa e Alda da Luz, res. Fl. Pai de 3 filhos.
- Q1-52 — Elise Schmitt, n. 25.10.1967, noiva Saulo de Torso Pinho Souza, Fl.
- Q2-53 — Bettina Schmitt, n. 30.06.1971, noiva de Savio Lumertz da Silva, Fl.
- Q3-54 — Heloisa Schmitt, n. 26.02.1975, solt. res. com os pais.
- B3-13 — Arnaldo Leonardo Schmitt, n. 21.08.1891 — + 24.04.1987 — cc Otília Prim, f. João Prim e Maria Prim, res. em Jaraguá do Sul — c/ 18 filhos.
- T1-19 — Maria Schmitt — cc Germano Gasho, res. Jaraguá do Sul — c/ 9 filhos (1 +).
- T2-20 — Antonio Schmitt — cc Maria Schmitz, res. Jaraguá do Sul — c/ 7 filhos.
- T3-21 — Osmar Schmitt — cc Clara Picoli, res. Cur. — c/ 8 filhos.
- T4-22 — Teresa Schmitt — cc Juliano Steirghen, res. Jaraguá do Sul — c/ 6 filhos.
- T5-23 — Lídia Schmitt — cc Jorge Ersching, res. Jaraguá do Sul — c/ 8 filhos.
- T6-24 — José Schmitt — cc Ruth Friedrích, res. Cur.
- T7-25 — Waldemar Schmitt — cc Joana Benk, res. Jaraguá do Sul — c/ 2 filhos.
- T8-26 — Edgard Schmitt — cc Alcina Winter, res. Jaraguá do Sul — c/ 9 filhos.

- T9-27 — Damásio Schmitt — cc Elfrida Cimentí, res. Jaraguá do Sul — c/ 3 filhos.
- T10-28 — Olga Schmitt — cc Walnor A. Borges, res. Palhoça/Jaraguá do Sul — c/ 5 filhos (1 +).
- T11-29 — Emília Schmitt — cc Albino Tormelli, res. Paranaguá, PR. — c/ 4 filhos.
- T12-30 — Otilia Schmitt — cc Gerson Ferreira, res. Guaramirim, SC — c/ 6 filhos.
- T13-31 — Zélia Schmitt — cc Norberto Hafermann, res. Jaraguá do Sul — c/ 7 filhos.
- T14-32 — Ivo Schmitt — cc Dulce Judini, res. Jaraguá do Sul — c/ 4 filhos.
- T15-33 — Guido Schmitt — cc Lorí Brandenburg, res. Jaraguá do Sul — c/ 4 filhos.
- T16-34-17-35 e 18-36 — 3 filhos + em criança.
- B4-14 — Matilde Schmitt, n. 07.05.1893, + 23.08.1983, c/ 90 anos — cc José Prim, f. Egidio Prim e Maria Schmitt, res. S.A.I. e Ituporanga — c/ 16 filhos.
- T1-37 — Evaldo Prim — cc Ida Zimmermann, res. Rio do Sul/Itup. — c/ 14 filhos, (1 +).
- T2-38 — Zita Prim — cc Vendelino Lückmann, r. C. Negro/Itup., c/ 13 filhos (1 +).
- T3-39 — Maria Regina Prim, R. Domitila, Div. Prov., res. Porto Alegre.
- T4-40 — Vitor Prim — cc Laura Sebold, res. Itup., c/ 7 filhos, (1 +).
- T5-41 — Elisa Prim — cc Francisco Franciozi, res. Itup., c/ 5 filhos.
- T6-42 — Lindolfo Prim — cc Mônica Gesser, r. Bl., c/ 9 filhos, (2 +).
- T7-43 — Olga Prim — cc Pedro Hüntemann, r. Bela Vista/Itup. c/ 11 filhos, (1 +).
- T8-44 — Lioba Prim — cc Leo Cleba, res. Bl., c/ 6 filhos.
- T9-45 — Olinda Prim — cc Antonio Crespi, res. Brusque — c/ 9 filhos, (1 +).
- T10-46 — Antonio Prim, + pequeno.
- T11-47 — Teresa Prim — cc Oswaldo Sens, res. Pinhão/PR. — c/ 14 filhos, (1 +).
- T12-48 — Alcira Prim — Irmã Alcira, religiosa Salesiana, res. Cur.
- T13-49 — Ivone Prim — cc Arlindo Mees, res. Itup. — c/ 13 filhos.
- T14-50 — Amélia Prim, + pequena.
- T15-51 — Mechildes Prim — cc Eugildo Broering, res. SAI — c/ 9 filhos.
- T16-52 — José Luiz Prim — Frei José Luiz, res. Petrópolis/R.J.
- B5-15 — Apolônia Catarina Schmitt, n. 25.09.1895, + 11.08.1965 — cc Antônio Adão Reitz, f. João Adão Reitz, n. 18.12.1842, em Hirschfeld — Zell, Alemanha e Maria Reinert, n. 18.06.1848, AC., etc. Pai de 7 filhos: (Fi, fl 148 e 112, PR Reitz).
- T1-53 — José Antônio Reitz, n. 13.11.1918, + c/ 1 dia.
- T2-54 — Maria Madalena Reitz, n. 20.10.1919, Irmã Aldegundes, Div. Prov., Jaraguá do Sul.
- T3-55 — Tarcísio Reitz, n. 05.01.1921, + c/ 7 meses.
- T4-56 — Mônica Reitz, n. 01.01.1922, solt. + 11.03.1991 — Joinville.
- T5-57 — Pedro Reitz, n. 02.10.1923, em Cerro — Jaraguá do Sul, + 1968 cc Alídia Klein, n. 06.01.1930, em Jaraguá do Sul, f. Leopoldo Klein e Maria Francisca Gerent, n/p Francisco Klein e Catarina Bins, n/m — Leopoldo Gerent (meu tio), n. 1884 e Maria Thiesen, n. em SAI, em 1883 — res. em Canoinhas. Pai de 7 filhos.
- T6-58 — Zita Reitz, n. 16.12.1924 — solt. res. Joinville.

T7-59 — José Reitz, n. 17.07.1926, + c/ 7 anos.

B6-16 — Adelina Schmitt, n. 08.03.1897, + 13.06.1978, Ang. Irmã Natália, antes era cc Reinoldo Gorges, de quem tornou-se viúva sem filhos.

B7-17 — Pedro de Alcântara Schmitt, n. 01.01.1899, + 09.11.1989 — cc Verônica Wiese, f. Fernando Wiese e Elisa Klein Wiese — res. Tijucas/P. União. Pai de 9 filhos.

(Continua)

RÁDIO CLUBE DE INDAIAL COMPLETOU QUARENTA ANOS DE HISTÓRIA

No dia 18 de setembro de 1954, aparecia, para alegria dos indaialenses, a onda de uma nova emissora no Vale do Itajaí: a Rádio Clube de Indaial. Sua história, sua evolução através destes quarenta anos que nos separam daquela memorável data, foram muito bem arroladas num trabalho primoroso de Hamilton Cunha e de Werner Neuert, pessoas ligadas àquela emissora e que publicaram, no Boletim Oficial do Município de Indaial, seu trabalho historiando o acontecimento. Valendo-nos deste trabalho, vamos transcrevê-lo nesta edição de "Blumenau em Cadernos" para que o fato se immortalize em suas páginas e fique, assim, guardada mais esta memória histórica para a posteridade em favor dos indaialenses. Eis o que diz a publicação :

"Jeser Jossy Reinert, então funcionário das Emissoras Coligadas — sendo sua principal emissora a PRC-4, hoje Rádio Clube de Blumenau — foi trazido para Indaial pelos proprietários das Coligadas — Flávio Rosa e Wilson Melro — para fazer a Instalação da Rádio Clube de Indaial, e nós tivemos, então, em nossa Cidade, a terceira Rádio do Vale do Itajaí. A primeira foi a PRC-4 em Blumenau e a segunda a Rádio Mirador de Rio do Sul.

Além de ter sido o técnico que instalou e deu condições de funcionamento à Rádio, Jeser Jossy Reinert foi também seu primeiro — e de muito sucesso — locutor.

Há 40 anos atrás a Clube encantava

os habitantes da região com sua programação transmitida do primeiro andar do prédio do sr. Walter Petters, no térreo funcionava o "Café Expresso", que servia também de parada de ônibus — o que chamaríamos hoje terminal rodoviário. Esse prédio pertence à família Huebes (Lourival Huebes) atualmente, e é onde funciona o açougue.

Portanto, do coração da Cidade de Indaial partiam as ondas que espalhavam alegria, entremeadas por notícias trágicas e notas fúnebres pelo Médio Vale.

Naqueles primeiros tempos, e até meados da década de 1960, o sucesso absoluto da Rádio foi o Programa "Parabéns pra Você", que ocupava 80% da programação da Emissora. As pessoas iam ou escreviam para a Clube oferecendo músicas para parentes ou amigos que estavam aniversariando ou casando, ou comemorando bodas, ou ainda casais enamorados manifestando seu amor publicamente, pagavam uma taxa e tinham a música escolhida tocada em oferecimento a quem desejasse. Como a Rádio possuísse "representantes" em todos os municípios da região, não foram somente os indaialenses que gozaram desse privilégio. Os "representantes" recebiam os pedidos de música, cobravam as taxas e mandavam as solicitações e oferecimentos que eram tocadas na Clube em discos muito frágeis, de 78 rotações, que quebravam-se muito facilmente, sem falar nas agulhas que precisavam ser trocadas a cada dois discos tocados.

Feitos os pedidos, ressonavam, Indaial à fora, os grandes sucessos de antanho: "Cana Verde" (Tonico e Tinoco), "Capricho Cigano" (Mário Zan), contou-nos o sr. Ralf Cipriano que a música "Um Baile em Santa Cruz" chegou a ter 38 solicitações num mesmo programa.

O restante da programação da Rádio era destinado à publicidade, notas de falecimento e noticiário, com reportagens extraídas dos jornais escritos e notícias esportivas — especialmente futebol — enfocando os eventos locais, com algum espaço também para o futebol carioca.

Grandes e bons locutores passaram pela nossa Emissora, além do Jeser Jossy Reinert, e entre eles estavam Brandino Philips, Marinho Stringari e os indaialenses Jacy Simão, Ademar Keunecke, Sidney Saut, Ralf Cipriano (a partir de 1957) que em 1959, com a saída de Jeser Jossy Reinert, assume a gerência da Rádio, mas por ali passaram também José João Farias e Jorge Levi Malte.

No final de década de 1950, início de 1960 estoura em audiência os programas ao vivo de música sertaneja e vinham de Blumenau para cantar aqui "Tangará e as Irmãs Pera" e daqui, apresentando-se pela primeira vez, na manhã do domingo de 05 de julho de 1959 a dupla "Teusinho e Neusinho" (Henrique e Marino Patrício) em seu próprio programa denominado "Rodeio dos Pampas"; e passaram também "Canhoto e Canhotinho" (um dos "irmãos" da dupla é o nosso Francisco do INSS de Blumenau, que hoje mora no bairro Benedito). E animaram também as manhãs domingueiras "Janildo e Janiel" o Janildo da Silva, que nos anos de 1980 apresentou um programa caipira na mesma Clube: Florimar e Souzinha; Zé do Pinheiro e Pinheirinho, primeiro da dupla é o Mário Demétrio, que hoje é professor de música do CEPRO; a Elza Aparecida, que faz atualmente o programa "Show da Mulher" também na Clube, aos dez anos já dava os primeiros passos na música, formando com seu irmão a dupla Jeser e Elza. E o grande trio, que por dez anos

(1959-1969) fez o programa "Sertão Alegre": "Loterio, Louro e Lourinho", o Loterio era José João Farias, pai de Elza Aparecida. Por certo houveram outras muitas e importantes duplas, mencionamos algumas, as que conseguiram resgatar da memória de nossos entrevistados, contemporâneos das duplas citadas.

Embora o "Parabéns pra Você" com suas músicas pagas por quem as solicitasse fosse a espinha dorsal da programação da Clube nos primeiros tempos, a Rádio tinha também seus patrocinadores e os que mais investiam em publicidade entre os indaialenses estavam: o comerciante Hilário Buzarello (pai dos advogados César e Lourival Buzarello); Comercial Cimat; Clínica Kechelle e Lojas Hardt; de Timbó podemos destacar a "Casa Americana"; mas grande parte da "verba" para divulgação publicitária vinha mesmo de Blumenau: Casas Pernambucanas, Casa Coelho, Casa Peiter, Loja Marva Calçados, Pudim Medeiros, Casa Flesch (discos) e a tradicionalíssima Loja Willy Sievert.

No início da década de 1960 vem colaborar com a Clube, em épocas de eleição, na transmissão das apurações, um radialista da Rádio Difusora de Blumenau, que acabara por vir morar em Indaial, passando a ser gerente da Rádio Clube a partir de 1963 e um dos maiores e mais alegres locutores da história de nossa Rádio. Trata-se do Gijo, o Lourival Schütz, que lamentavelmente faleceu ainda muito novo num acidente de automóvel em 19 de fevereiro de 1980.

É necessário lembrar também, por mérito conquistado, e com muita alegria, o ainda hoje locutor Pedro Correia, que ainda criança enamorou-se pela Emissora Indaialense e ali começou a trabalhar, aos 12 anos, como técnico, a convite do importante baluarte das transmissões de rádio em nossas terras Jeser Jossy Reinert. Pedro Correia é hoje o mais antigo funcionário da Rádio Clube e sua história se confunde com a da própria Emissora. Desde 1957 tem dedicado toda a sua vida à nossa querida Clube de Indaial.

Retornemos com nossa Programação normal.

A Clube teve também um programa exclusivamente dedicado aos ouvintes de língua alemã, comandado inicialmente pela sra. Elze Ferreira de Mello e mais tarde pela Frau Asta Enns.

No início dos anos 1960 começa-se a transmitir as partidas de futebol local, o que acabava tornando-se trabalho de heróis. Conta-nos o sr. Ralf Cipriano que chegava-se a utilizar arames de gaiolas para poder fazer as transmissões das peles futebolísticas de nossa região, mas que eram compensadas pela grande audiência que alcançavam.

O nosso Cine Mogck, já extinto, que funcionava em sala do Hotel Hard (também extinto) foi palco de grandes e românticos programas de auditório, apresentado em seus áureos tempos pelo Brandino Philips e depois por Valcino Dias. O programa transmitido pela Clube, com patrocínio da Antarctica (incluindo distribuição de brindes e refrigerantes) tem suas estrelas lembradas entusiasticamente ainda hoje pelos seus fãs da época. Essas cantoras destacadas pelos nossos entrevistados foram Graça Oliveira (nascida Berka) e Juraci Evaristo. Juntamente com as intérpretes, as músicas lembradas são "Lobo Mau" e "Nossa Canção", do então rei Roberto Carlos, e as músicas da Cely Campello. Mas ali também apresentavam-se gaiteiros, duplas caipiras e cantores dos mais variados gêneros.

Assim foram os "anos Dourados" da nossa Indaial e a Clube esteve lá fazendo e mostrando os ares de sua juventude.

Na década de 1960 já temos alguns telefones em nossa Cidade e a Clube, na vanguarda, lança o programa "telefone e peça sua Música", nessa época já não eram mais os ouvintes, solicitantes de música, que custeavam os programas, mas sim os patrocinadores: industriais e principalmente comerciantes locais.

Nesses anos Jorge Levi Malte inova o Radiojornalismo, transmitindo além das notas oficiais locais e das resenhas das

notícias dos jornais escritos, começa a acompanhar os noticiários das grandes rádios do Rio de Janeiro e Porto Alegre, principalmente Rádio Nacional, Tupy e Gaúcha. Eram gravados os noticiários daquelas emissoras, que em seguida passavam por uma triagem e as de maior relevância eram divulgadas pelo nosso locutor Jorge Levi Malte, na rádio local.

Também naqueles anos são transmitidas as missas de domingo, diretamente da Igreja Matriz Santa Inês.

Passou por aqui também e a Clube acompanhou, o grande cantor de boleros da época Gregório Barrios, que despedaçou o coração de muitas mocinhas. Conta-se também que alguns cidadãos mais eufóricos, estimulados pela sessão de boleros, convidaram o renomado artista, após o show, para uma noitada, nas casas mais célebres da zona do meretrício de nossa região. Conta-se também, não se sabe ao certo se ele foi ou não, que o romântico cantor recusou o convite, argumentando que sua reputação de destacado cantor internacional não lhe permitiria que frequentasse esses lugares pouco recomendados pela Santa Igreja e pelas boas famílias cristãs.

Aproveitando o parêntese do episódio Gregório Barrios, incluirei aqui outra interessante história também empresariada por radialistas da Clube (segundo dizem):

Estava na região o cantor e humorista ou menestrel das Alagoas como prefere ser chamado, Juca Chaves, e veio também apresentar-se no Cine Mogck. O Show estava marcado para às 20:00 horas, mas passada quase meia hora e nada da estrela do espetáculo aparecer, as 40 ou 50 pessoas presentes já estavam impacientes quando entra pelo corredor um senhor muito elegante, trajando terno e gravata da moda e é efusivamente aplaudido pelo pequeno, mas educado público presente. Decepção maior foi quando constatou-se que o chique cavalheiro não era o artista contratado, mas um estranho senhor que também veio para assistir o es-

petáculo. As pessoas hoje não lembram de como exatamente foi a apresentação. Mas guardam como destaque da noite o episódio do constrangido visitante engravatado, aplaudido imerecidamente.

Após esse breve e pícaro intervalo sigamos destacando Programas e locutores de nossa Emissora.

Por falar em locutor, é hora de lembrar o abnegado e competente jornalista esportivo Alfredo Crispim de Veiga, o Quarentinha, que deve o apelido a um jogador do Botafogo do Rio de Janeiro, nos áureos tempos daquela Equipe de futebol, Quarentinha iniciou no rádio e na Clube, ainda nos anos 60 e foi também ali onde apresentou por vários anos o seu célebre programa "Cantinho da Saudade", onde destacava biografias dos craques do futebol local, contribuindo enormemente com a preservação da memória do esporte de nossa Cidade. Alfredo da Veiga continua em plena atividade, na Rádio Cultura de Timbó.

Na década de 1970, além da programação normal de esporte e notícias, merecem destaque dois outros programas de grande audiência na época: "Domingo Alegre" e "Viajando com Bandinha".

O primeiro durou quase duas décadas e foi apresentado na maior parte de sua existência pelo radialista Ralf Cipriano. Esse programa era feito com apresentações ao vivo, nos estúdios da rádio, e apresentavam-se principalmente bandoneonistas, muitos dos integrantes dos famosos "Cinqüentões" por ali passaram. Sua audiência ultrapassou as fronteiras de Indaial, atingindo todas as cidades do Médio Vale do Itajaí. Muitos indaialenses e cidadãos das cidades vizinhas lembram saudosamente das alegres manhãs de domingo, proporcionadas pelo "Domingo Alegre".

"Viajando com Bandinha" era programa realizado nos bares da cidade e coordenado pelo saudoso Ernani Marcelino. Eram contratadas bandinhas (inclusive os, então renomadíssimos, Futuristas, de Ijuí, participaram de um dos programas) que

aos sábados à tarde animavam os bares e o Ernani com sua equipe transmitia através da Clube às centenas de lares que ansiosos esperavam pelas tardes de sábado embalados pelo som da Clube e suas bandinhas, com a animação brilhante e inconfundível do Ernani.

Os anos foram passando e os proprietários Flávio Rosa e Wilson Melro (este último saiu antes) venderam a Rádio Clube, para o Grupo Perdigão (TV Barriga Verde), que em 1986 venderia aos seus atuais proprietários Aroldo e Joana Laemmel.

Também o endereço da Rádio mudou, do prédio do sr. Walter Petters, passou para o primeiro andar das instalações do sr. Werner Kesske, prédio onde funciona a Banca de Revistas Indaial (do sr. Wilson J. Schmidt), indo depois para o pequeno edifício do sr. Dagoberto Gramkow, que já não mais existe, estando no local, atualmente, a nova Loja Andreon, dali foi para o prédio do Dr. Robert T. Kechelle, na rua Amadeu Felipe da Luz. Encontra-se atualmente em instalações próprias na rua Itú.

Além dos gerentes já mencionados também ocuparam este posto a partir do final dos anos 1960, Marinho Stringari e Waldimiro Grundmann, este último até 1986. Atualmente é gerenciada pelo proprietário Aroldo Lemmel.

Da primeira metade da década de 80 vale destacar a dinâmica e polêmica dupla Duda e Waldimiro (Osni Rhenius e Waldimiro Grundmann, respectivamente) que principalmente nas programações esportivas revolucionaram a Rádio da região.

Transmitindo, além do esporte da região, grandes partidas do campeonato nacional e carioca. Incansáveis guerreiros, deixaram suas marcas na história da Clube. O Duda, de volta a nossa Rádio, abrilhanta as nossas manhãs, juntamente com Hamilton Cunha, com o Infirmativo Matinal.

A partir de 13 de março de 1986 a Rádio Clube torna-se independente, não mais filial da Clube de Blumenau.

A equipe que compõe a Rádio hoje

é basicamente a mesma de 1986.

É todos os dias a Clube abre sua Programação com voz grave (aquele que antigamente chama-se "Voz de Microfone") do locutor — e também Vereador — Hamilton Cunha, que depois do Pedro Correia é o funcionário mais antigo da Emissora.

Ele é também, junto com o Duda e com o colaborador que sempre vestiu a camisa da Clube e do Esporte, Osni Von Gilsa, o responsável pelas transmissões esportivas do município e região.

Na seqüência da Programação vem o já mencionado "Informativo Matinal", seguido pelo "Show da Mulher" que é o toque feminino muito especial coordena-

nado e transmitido pela Elza Aparecida, que já começou a aparecer na Clube quando tinha 10 anos de idade. Meio dia é hora do noticiário, comandado pelo eterno "Radioclubense" Pedro Correia. Os ouvintes da Clube iniciam a tarde com o "Carrossel da Alegria", na locução de Júlio Barbosa. Encerrando a tarde, novamente Pedro Correia com o gostoso programa "Galpão Sertanejo".

E já à noite, finalizando a programação, o romântico "Clube de Brotos", com: Pedro Correia.

Parabéns e desejos de eterno sucesso à Rádio Clube de Indaial, nos seus 40 anos de existência, informando os lares do Médio Vale."

ACONTECEU...

JANEIRO DE 1995

— DIA 03 -- A imprensa destaca o nascimento do primeiro bebê do ano, em Blumenau. Trata-se do menino Ewerton Leandro da Silva, nascido na maternidade do Hospital Santa Isabel às 4:25 da madrugada, filho de Heriberto e Solange da Silva. Na seqüência da madrugada também nasceram as meninas Bianca e Tuane. *** Foram iniciadas as obras para a construção da ponte definitiva sobre o ribeirão Garcia, ligando a rua Amazonas à rua Hermann Huscher, nas proximidades do Viena Park Hotel

— DIA 06 — Foi aberta oficialmente, às 19 horas, em Pomerode, a 12ª. Festa Pomerana, cuja solenidade de abertura contou com a presença de numeroso público. Na oportunidade o município também comemorou a passagem de seus 36 anos de emancipação política. *** Em Brusque, foi aberta oficialmente a Feira Industrial, paralelamente com a Festa do Abacaxi e Mostra de Núcleos Setoriais da ACIBR.

— DIA 08 — Segundo divulgou a imprensa (JSC), em entrevista concedida, o médico infectologista Amauri Miéle declarou que o número de contaminados pela AIDs em Blumenau pode chegar a 30 mil, o que representa aproximadamente 10% da população do município. O médico levou em consideração os 340 casos registrados pelo Centro de Saúde, desde 1989.

— DIA 09 — Bairros alagados, casas desabadas e duas pessoas desaparecidas foi o saldo da forte enxurrada que começou a cair neste meio de tarde em Blumenau. Vários bairros, entre eles o Garcia, no Morro do Artur, bem como no Vasto Verde, na Velha, foram mais duramente atingidos, com muito trabalho para o Corpo de Bombeiros, a Polícia Militar e a Defesa Civil, todos com eficiente atuação. *** No Aeroporto Quero-Quero, tiveram início, oficialmente, os vôos das Companhias Helisul e TAM, ligando Blumenau diariamente a Florianópolis, Curitiba e São Paulo com diversos vôos programados. A TAM, fez apenas um vôo de apresentação, para cumprir horários definitivos a partir do dia 16. *** Em Benedito Novo, 45 pessoas foram intoxicadas por bactérias ingeridas com alimentos numa festa. *** O médico Fernando de Mello Vianna foi confirmado na presidência do Blumenau Esporte Clube.

— DIA 11 — Como consequência das violentas chuvas caídas no dia 9, toda a região do Vale do Itajaí apresentou sérios problemas, um verdadeiro rastro de destruição, não só em Blumenau, como também em Apiúna, Indaial, Benedito Novo e outras localidades, deixando cerca de 400 desabrigados. No Alto Vale, houve muita perda também nas plantações de cebola.

— DIA 12 — Segundo divulgou a imprensa (JSC), os ciclistas blumenauenses Mauro Ribeiro e Paulo Jamur foram convocados pela Federação Brasileira de Ciclismo para representar o Brasil nos Jogos Pan-Americanos de Mar del Plata, na Argentina, em março. *** O governador Paulo Afonso Vieira decretou estado de emergência em onze municípios catarinenses, os que foram mais atingidos pelos violentos temporais que devastaram muitas regiões catarinenses. *** A denúncia de que a Salmonella contida nos ovos vinha sendo a causa da intoxicação de numerosas pessoas, fez decrescer assustadoramente o consumo de ovos, em consequência, também, a baixa nos preços dos mesmos.

— DIA 13 — No salão de festas do Tabajara Tênis Clube, realizou-se um encontro festivo promovido pela Albany, para comemorar seus vinte anos de atuação no Brasil. As honras da recepção foram executadas pelo diretor Ernoe Eger. Compareceram muitos convidados. *** Chegaram a Blumenau cerca de 300 turistas que viajavam a bordo do transatlântico "Costa Marina", ancorado em Itajaí. No roteiro esteve uma recepção com mini-Oktoberfest na PROEB, além do almoço, compras e o direito a bandinhas. Boa iniciativa da Secretaria de Turismo.

— DIA 15 — A imprensa (JSC) dá destaque a uma iniciativa da Associação de Moradores da rua Eng^o. Odebrecht, no bairro Garcia: a formação de uma escola de música, com preços acessíveis para toda a comunidade local. A iniciativa desta Associação, que se denomina, na verdade, de Associação de Moradores do Médio Garcia, presidida por Valdir José Peixer, tem recebido o aplauso geral e muitos são os músicos e aprendizes que da iniciativa participam. *** De acordo com relatório apresentado pela Prefeitura Municipal, os prejuízos em Blumenau, em consequências das últimas enxurradas deste mês, chegaram a [R\$ 2.288.000,00] dois milhões, duzentos e oitenta e oito mil reais) para o município. Foi mostrada a necessidade de recuperação de 800 quilômetros de ruas não pavimentadas, remoção de 77 barreiras, construção de 4 pontes de concreto, recuperação de seis cabeceiras de pontes, execução de 4.500m³ de muros ou gabiões, aterro de cabeceiras de 4 pontes, desdobramento de galerias e canalização e limpeza de detritos em vias públicas. Tudo isso, num tempo previsto de seis meses.

— DIA 16 — A TAM iniciou oficialmente os vôos de Blumenau a Curitiba e São Paulo, nesta manhã, levando cinco passageiros para Curitiba e 10 para São Paulo. *** Na rua Nereu Ramos, em prédio próprio, foi inaugurado o novo centro de Camelôs, com a instalação de bem arrumadas pequenas lojas.

— DIA 19 — A partir desta data, foi aberta a Exposição para lembrar a maior festa de chope no país — a Ocktoberfest, nos seus onze anos de realizações. A mostra inclui banda típica e serviço de bar. Todo o pavilhão A da PROEB. Mais uma boa iniciativa da Secretaria de Turismo da Prefeitura.

— DIA 21 — Em Pomerode tudo é festa. A cidade comemorou neste dia, seus 36 anos de emancipação política, dando início à sua tradicional Festa Pomerana. Parabéns! *** Em Brusque, foi aberta a Primeira Festa do Abacaxi, com as melhores perspectivas de sucesso.

— DIA 23 — Foi nterditada, para reformas, a ponte dos Arcos, localizada nas proximidades da Sul Fabril, ligando a rua Itajaí à República Argentina e que fora construída para servir à composição ferroviária da RFF há 62 anos. Agora, sofre reformas

para voltar a servir ao tráfego de veículos leves. *** Portaria assinada pelo Secretário de Saúde do Estado, passou a proibir a comercialização de molhos e maioneses em restaurantes, bares e lanchonetes, composto à base de ovos. *** Tomou posse como presidente do Blumenau Esporte Clube, o médico reumatologista Fernando de Mello Vianna. *** A imprensa (JSC) dá destaque ao início das obras da ETA-IV (Estação de Tratamento de Água) que abastecerá o distrito de Vila Itoupava e outras regiões próximas.

— DIA 27 — Novo temporal que se abateu sobre Blumenau, causou avalanches de enxurradas em diversos bairros. O mais atingido pela enxurrada de águas e lama, foi o Bairro Boa Vista. As chuvas e os fortes ventos destelharam cerca de 20 casas na rua Frederico Decker. Na rua São Paulo, proximidades da Praça Fritz Müller, o alagamento foi total, tendo as águas invadido várias residências e outros estabelecimentos. Foram apenas 40 minutos de temporal, mas de extrema violência.

— DIA 29 — Segundo estatísticas divulgadas, o comércio em Santa Catarina, teve um crescimento, nos últimos meses, de 25%, em consequência do bom comportamento do Plano Real. *** Os moradores de Gaspar e Timbó também tiveram que passar por muito susto, com o forte vendaval que assolou as duas cidades no sábado, dia 28, resultando num rastro de destruição. Adianta-se que as perdas da lavoura com as enxurradas que têm ocorrido, chega a 90 milhões de reais.

— DIA 31 — A imprensa (JSC) noticia que o fim desta semana foi o mais violento do ano nas estradas catarinenses, ocasionando 62 acidentes, com um total de 14 mortos e 34 feridos. No Vale do Itajaí, os acidentes mais graves foram nas BR-101 e 470, com a morte de oito pessoas.

A FAMÍLIA ARRIOLA EM SANTA CATARINA

Antônio Roberto Nascimento

(Continuação)

No mesmo ano, apareceram os nomes de João Antônio da Rocha e de Pedro Teixeira de Freitas (116). Em 1886, surge o nome de José Affonso Ayres Cubas (117). Igualmente, os de João Machado Pereira, José Manoel de Sousa e João Antônio de Abreu (118).

O referido João Machado Pereira, ao que supomos, era nascido no Parati, hoje Araquari (SC), onde morava no Rio do Morro Escuro, ou no Mato Alto, filho de Damásio Antônio Pereira, natural da Penha, e de Maria Joaquina do Espírito Santo, neto paterno de Ignácio Antônio da Silva e

de Ana Maria do Espírito Santo, e materno de Manoel Machado Gallo Júnior e de Josefa Maria da Conceição, ambos naturais da freguesia de S. Miguel da Terra Firme da Ilha de Santa Catarina. Casou, aos 13.1.1867 (119), com Úrsula Maria Soares, filha do Alferes Salvador Soares de Carvalho e de Ana Maria do Nascimento, neta paterna de Manoel Gonçalves Bairros e de Ana Joaquina Pereira, e materna de João Pereira Lima e de Margarida Dias de Siqueira (120). Era aparentado, pois, com a mulher do Alferes João Gomes de Oliveira.

116 — Ob. cit., p. 242

117 — Ob. cit., p. 257

118 — Ob. cit., p. 262

119 — Livro n. 1 da freg. do Senhor Bom Jesus do Parati

120 — Arquivo judiciário franciscano e registros eclesiásticos

Após 1886, surgem nomes de diversos francisquenses e joinvilenses dentre os negociantes de erva mate em S. Bento: Mário Lobo, Ignácio Bastos, Augusto Ribeiro, Reinaldo Machado, Procópio Gomes de Oliveira e Francisco José Ribeiro (121). Não cremos, porém, que Augusto Ribeiro, irmão de Francisco José Ribeiro, fosse ervateiro, uma vez que era cego e, jovem ainda, fora para o Rio de Janeiro, onde se tornou famoso no magistério de cegos, chegando a ser preceptor das filhas de Benjamim Constant (122). Mais provável que o fosse tão-só seu mano Antônio José Ribeiro Filho, batizado aos 04.3.1849, com um mês e quinze dias de idade (123), filho de pai de igual nome e de Aureliana Gonçalves Ribeiro, neto paterno de Miguel Antônio Alves e de Joana Maria de Jesus, e materno do Major Bento Gonçalves de Moraes Cordeiro e de Ana Maria de Andrade, por quem era aparentado com antigas famílias curitibanas (124). Casou, aos 26.11.1881, com Guilhermina Frederica Bertha Fettback, luterana, filha de João Frederico Guilherme Fettback e de Frederica Kersten (125). Seu mano Francisco José Ribeiro, batizado aos 13.6.1852, com 10 meses de idade (126), casou, aos 27.11.1880 (127), com D. Clemência Gomes de Oliveira, filha do Alferes João Gomes de Oliveira Sênior e de D. Rosa Leocádia Machado (128), neta paterna do Capitão Salvador Gomes de Oliveira e de Rita Clara de Miranda Coutinho, e materna de Manoel

Machado Gallo Júnior e de Josefa Maria da Conceição (v. supra).

Existiram dois Reinaldos Machados, ambos parentes. O primeiro foi o Dr. Reynaldo Machado, médico francisquense radicado em Curitiba (129), filho de Francisco Machado da Luz (130) e de sua primeira mulher Bárbara Maria da Graça, neto paterno de Esther Joaquina Gonçalves Cordeiro de Araújo, parente do Padre Bento Gonçalves Cordeiro, e de seu primeiro marido Francisco Machado Pereira, e materno do Tenente Joaquim José Tavares e de Bárbara Maria da Graça, em primeiras núpcias dela, que também era filha do Cap. Salvador Gomes de Oliveira (v. supra). O segundo foi o Tenente Reinaldo Gomes Tavares, morador do Parati, onde foi Presidente da Câmara, batizado aos 27.5.1849, com cinco meses de idade (131), filho do Alferes Joaquim José Tavares e de Bárbara Maria da Graça, neto paterno do Sargento-Mor Luiz Tavares de Miranda e de Dionísia Maria de Miranda, e materno do Cap. Salvador Gomes de Oliveira (v. supra). Foi casado com Luiza Sâmy, filha de João Saemy, natural de Nieten, distrito de Brenngarten, Cantão de Aargau, e de Luiza Ineger, natural de Underohrtorf, distrito de Baden, Cantão de Aargau, e cremos que tenha sido irmão do Manoel Gomes Tavares, Superintendente de S. Bento em 1899 (132), que residira em Porto Alegre, onde fora estudar, casado com Martha Richter (133).

(Continua no próximo número)

121 — C. FICKER, ob. cit., p. 266

122 — Cf. A. ALEXANDRE DA COSTA, S. Francisco do Sul, Ex-Ilha, Terra de Sonhos e Tradições, 1972, pp. 42-43

123 — Livro n. 10 da Matriz de N. S^a. da Graça

124 — Registros eclesiásticos francisquenses e F. NEGRÃO, ob. cit., "passim"

125 — Cf. ELLY HERKENHOFF, Joinville — Nossos Prefeitos, 1984, p. 53

126 — Livro n. 11 de batismos da Matriz de N. S^a. da Graça

127 — Registros da Catedral de Joinville

128 — Cf. A. TERNES, Hist. Econômica de Joinville, p. 82

129 — Cf. F. NEGRÃO, Genealogia cit., vols. 2^o. e 3^o., pp. 167 e 146

130 — Cf. E. HERKENHOFF, ob. cit., p. 31

131 — Livro n. 10 da Matriz de N. S^a. da Graça

132 — Cf. C. FICKER, S. Bento cit., p. 352

133 — Registros eclesiásticos francisquenses

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nº. 1.835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nº. 2.028, de 04/09/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nº. 6.643, de 03/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza
Cultural do Ministério da Cultura, sob o nº. 42.002219/87-50,
instituído pela Lei nº. 7.505, de 02/07/86.

89015-010 BLUMENAU

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO :

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU, MANTÉM :

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edith Gaertner"
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"
Tipografia e Encadernação.

CONSELHO DELIBERATIVO :

Marlo Germer; Maria Beatriz Niemeyer; Friederich Wilhelm Heinrich Ideker; Ellen Jone Wegge Vollmer; Altair Carlos Pimpão; João Carlos von Hohendorff; Edgar Paulo Mueller; Gladys Suely Dorigatti Werner; Ruth Winkler Paul; Marcos Henrique Buechler; Ernesto Deschamps.

DIRETORIA :

Presidente Interino : Altair Carlos Pimpão
Diretor Administrativo-Financeiro : Valter T. Ostermann
Diretor de Cultura : Lygia Helena Roussenq Neves



Consórcio
Breitkopf

**A CERTEZA DE FAZER O
MELHOR INVESTIMENTO**

DISQUE CONSÓRCIO — 26-2000

Rua São Paulo, 2001 — BLUMENAU - SC

HERING

TÊXTIL

Nas tramas do mais puro algodão, uma marca de qualidade.

Para todo mundo. Em todos os tempos.